

LUCIMERI PROBST

**ADVÉRBIO:
Um Estudo sobre os PPs Circunstanciais
no Português Brasileiro**

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Maria Cristina Figueiredo Silva

**FLORIANÓPOLIS
Março de 2002**

À minha família

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Prof^ª. Dr^ª. Maria Cristina Figueiredo Silva, pela orientação segura, pelo apoio e por ter despertado em mim o interesse por lingüística com suas aulas na graduação.

Ao Prof^{or} Dr. Carlos Miotto por ter me acompanhado nas primeiras leituras que fiz no mestrado, e por torná-las mais fáceis e agradáveis.

À Prof^ª Dra. Ruth Elisabeth Vasconcellos Lopes, por me ajudar a conseguir bibliografia essencial, pela atenção e delicadeza.

À minha mãe, pelo carinho e dedicação.

Às minhas três irmãs, presentes em todos os momentos. À Kesa por sua sensibilidade e inteligência, pela influência sempre positiva. À Ciane pela presença alegre e espirituosa, pelo cuidado e apoio. À Nete pela atenção, pelo incentivo, e por estar sempre pronta a me ajudar.

A meu pai, e às minhas sobrinhas Cris e Carol.

Aos professores que participaram da minha formação profissional. À minha colega Agnes pela amizade e apoio constante nestes últimos dois anos. A todas as pessoas que contribuíram de algum modo para a realização desse trabalho.

À CAPES, pelo apoio financeiro.

SUMÁRIO

Resumo.....	i
Abstract.....	ii
Introdução.....	iii
Capítulo 1: PPs CIRCUNSTANCIAIS	
1.1 Introdução.....	1
1.2 Discussão Prévia.....	3
1.2.1 Cinque (1999).....	3
1.2.1.1 AdvPs (pré-VP) "mais baixos".....	4
1.2.1.2 AdvPs (sentenciais) "mais altos".....	6
1.2.1.3 AdvPs na posição pós-complemento.....	9
1.2.1.4 Os circunstanciais em Cinque (1999).....	11
1.2.2 Davidson (1967).....	14
1.2.2.1 Os circunstanciais em Davidson (1967).....	18
Capítulo 2: ORAÇÕES RELATIVAS REDUZIDAS DE EVENTO	
2.1 Introdução.....	21
2.2 Øystein Nilsen (2000).....	21
2.2.1 A semântica dos circunstanciais.....	23
2.2.2 Anti-simetria.....	28
2.2.3 A estrutura do VP.....	33
2.2.4 Duas alternativas compatíveis com o LCA.....	43
2.2.4.1 Predicados adverbiais como Orações Relativas Reduzidas.....	44
2.2.4.2 A proposta de Barbiers (1995).....	48
2.2.5 Elegendo a melhor estrutura.....	48
2.2.6 Adjuntos relacionados ao objeto do verbo.....	51
2.2.7 A ordenação relativa dos circunstanciais.....	59
2.2.8 Derivando a ordenação dos PPs.....	69
2.2.8.1 Os temporais.....	70
2.2.8.2 A posição estrutural dos diferentes PPs adverbiais.....	77
Capítulo 3: PPs ADVERBIAIS EM PB	
3.1. Introdução.....	91
3.2. A estrutura do VP.....	91
3.3 Adjuntos relacionados ao objeto do verbo.....	96

3.3.1 C-locativos.....	96
3.3.2 Predicados secundários.....	97
3.3.3 PPs Dativos e Diretivos.....	97
3.4 A ordenação relativa dos circunstanciais.....	100
3.5 A Distribuição dos PPs relacionados ao objeto do verbo.....	106
3.6 Os Temporais.....	107
3.7 Repetitivos.....	109
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	110
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	112

RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo investigar os advérbios circunstanciais no português brasileiro a partir da Teoria Gerativa. A análise dos PPs adverbiais sugere que eles respeitam uma ordem relativa. Nilsen (2000) aponta que a ordenação dos circunstanciais é estruturalmente condicionada à ordem das projeções funcionais. Ele propõe que os circunstanciais são orações relativas reduzidas de eventos davidsonianos, que pegam diferentes "pedaços" da hierarquia de Cinque (1999) como argumentos. Os dados analisados apontam que a estrutura frasal dos circunstanciais proposta por essa análise é empiricamente consistente. Ela prediz corretamente que o VP deve possuir um nóculo dominando o verbo e o objeto, excluindo os circunstanciais.

ABSTRACT

The present dissertation aims to investigate the circumstantials adverbials in Brazilian Portuguese based on the Generative Theory. The analysis of adverbial PPs suggests that circumstantials are ordered with respect to each other. Nilsen (2000) claims that the ordering of the circumstantials corresponds to the order of the functional projections. He argue that the circumstantials are reduced relative clauses on the davidsonian events, and that these reduced relative clauses take differents chunks of Cinque's hierarchy as arguments. The analyzed data point that the adverbial phrase structure proposed by Nilsen is empirically consistent. This analysis correctly predicts that there must be a node dominating the verb and the object excluding the circumstantials.

INTRODUÇÃO

A classe dos advérbios circunstanciais compreende advérbios de lugar, modo, tempo, instrumento, companhia entre outros. Apesar do fato de o conjunto de elementos que integram essa classe ser bastante heterogêneo, procuramos mostrar que eles constituem uma classe coesa estrutural e semanticamente. As sentenças em (1), abaixo, ilustram alguns exemplos de circunstanciais:

- (1)
- a. A nave se perdeu *no espaço*.
 - b. A missão vai retornar *na próxima sexta-feira*.
 - c. Eles rastrearam a superfície *com uma sonda*.
 - d. Nós completamos a manobra *em dez minutos*.
 - e. Os astronautas passeiam *levemente*.
 - f. Ele observa o céu *todo dia*.

Os advérbios de circunstância exibem duas características que em um primeiro momento os distingue dos demais advérbios. A primeira delas diz respeito à posição sentencial que eles ocupam. Os circunstanciais seguem o complemento do verbo, e, apesar de eles poderem aparecer em outros lugares na sentença em certas circunstâncias, a posição pós-complemento parece ser o seu lugar natural. A segunda diferença tem a ver com o fato de que eles, com uma parcial exceção dos advérbios de modo, são tipicamente realizados na forma preposicional, tal como mostram os exemplos em (1a-d). Por isso vou me referir a

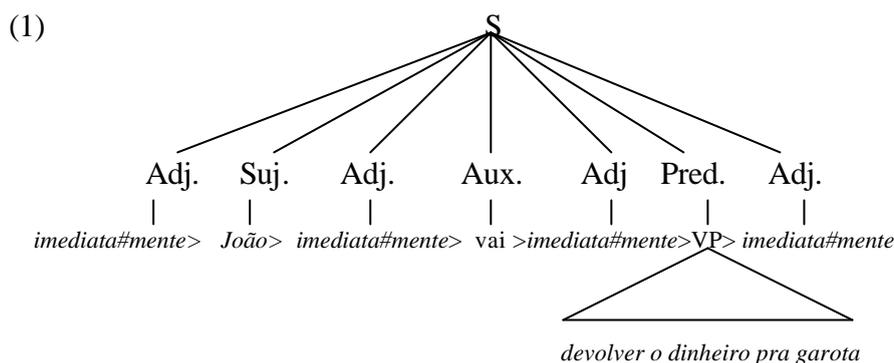
eles constantemente como PPs adverbiais ou PPs circunstanciais. Há ainda a possibilidade de eles serem realizados como NPs *nus* (*bare* NPs), como foi ilustrado em (1f).

PPs CIRCUNSTANCIAIS

1.1 Introdução¹

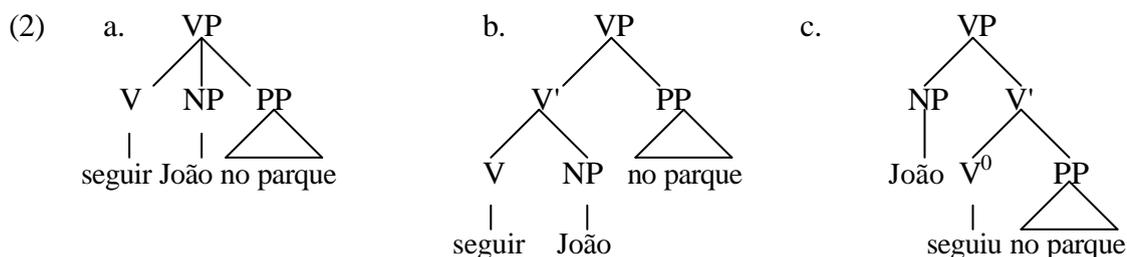
Até os anos oitenta os adverbiais eram considerados elementos "transportáveis", livremente ordenados em relação aos constituintes da sentença, e livremente ordenados um em relação ao outro. Esse tipo de análise foi primeiramente proposto por Samuel J. Keyser (1968). Em sua "Convenção de Transportabilidade" (TC), ele propõe que um constituinte particular "pode ocupar qualquer posição em uma árvore derivada contanto que as relações de irmandade com todos os outros nódulos na árvore sejam mantidas" (ibid:368). Sendo assim, a TC prevê que o advérbio sentencial *imediatamente* pode ocupar todas as posições indicadas em (1), já que em cada uma delas ele mantém as relações de irmandade com os outros nódulos da árvore. Considere a estrutura abaixo:

¹ Apud Nilsen (2000, 65).



De acordo com a TC, o advérbio sentencial não pode ocupar nenhuma posição dentro do predicado, porque isso alteraria a relação de irmandade dele com os demais nódulos da árvore. Os adverbiais circunstanciais, pelos mesmos motivos, poderiam ser livremente ordenados dentro do predicado, mas não fora dele.

Na literatura gerativista dos anos oitenta há três alternativas concorrentes para a estrutura frasal dos adverbiais. A primeira delas é a estrutura "plana" em (2a), normalmente atribuída a Oehrle; a segunda corresponde à estrutura X-barra proposta por Chomsky (1981) e, finalmente, a terceira, em (2c), é a estrutura sugerida por Larson (1988, 1990), conhecida como "VP-shell":



Essas três alternativas serão analisadas comparativamente no segundo capítulo, onde exponho a análise de Nilsen (2000). A proposta de Cinque (1999) para os advérbios é

exposta mais longamente na seção 1.2, onde também apresento a semântica de eventos de Davidson (1967), e suas implicações para análise dos PPs adverbiais.

1.2 Discussão Prévia

Observamos que os circunstanciais se distinguem dos demais advérbios por serem preposicionais, em sua maioria, e por ocuparem uma posição seguindo o objeto do verbo. As análises a seguir sugerem que os adverbiais circunstanciais compartilham características que apontam que eles devem de fato formar uma classe coesa. Neste capítulo vão ser apresentadas duas teorias que estabelecem diferenças no comportamento dos adverbiais de circunstância. Cinque (1999) aponta aspectos estruturais que distinguem os circunstanciais dos outros advérbios, e em Davidson (1967) temos argumentos semânticos que de certa forma também justificam essa divisão.

1.2.1 Cinque (1999)

Cinque propõe que existe uma hierarquia universal para as projeções funcionais da sentença. Uma importante fonte de evidências para determinar essa hierarquia universal viria da ordem relativa das diferentes classes de sintagmas adverbiais (AdvPs). Isso porque o autor propõe que os AdvPs são especificadores de projeções funcionais distintas, e não adjuntos como era concebido tradicionalmente. Assim, se AdvPs diferentes ocupam a posição de especificador de projeções funcionais diferentes, espera-se que a ordem relativa deles reflita a hierarquia das projeções funcionais.

Cinque distingue duas classes fundamentais de sintagmas adverbiais: AdvPs (pré-VP) "mais baixos" e AdvPs (sentenciais) "mais altos".

1.2.1.1 AdvPs (pré-VP) "mais baixos"

Os AdvPs (pré-VP) "mais baixos" caracterizam-se por ocorrerem, em italiano, na posição mais baixa da oração, no espaço delimitado, de um lado, pela posição mais à esquerda que um particípio passado (ativo) pode vir a ocupar e, do outro, por um complemento (ou sujeito) do particípio passado. Os AdvPs que ocorrem neste "espaço", tal como *solitamente* (*normalmente*) e *mica* (*não*), devem obedecer a uma ordem rígida. Advérbios habituais como *solitamente* devem preceder o advérbio de negação *mica*, como vemos em (3):

- (3) a. Alle due, Gianni non ha solitament mica mangiato, ancora.
 Às duas, G. normalmente não tem comido ainda.
- b. * Alle due, Gianni non ha mica solitamente mangiato, ancora
 Às duas, G. tem não normalmente comido ainda.

Vimos que não há problemas com a sentença na qual *solitamente* antecede *mica*. Por sua vez, (3b) mostra que a subversão da ordem indicada produz uma sentença agramatical. O contraste entre as sentenças em (4-5), por sua vez, aponta que o advérbio de negação *mica* necessariamente precede o advérbio *già* (realmente), bem como *già* deve preceder o advérbio *più* (mais):

- (4) a. Non hanno *mica già* chiamato, che io sappia
 Eles não têm realmente telefonado, pelo que eu saiba
- b. *Non hanno *già mica* chiamato, che io sappia
 Eles têm realmente não telefonado, pelo que eu saiba
- (5) a. All'epoca non possedava *già più* nulla
 Àquela época não possuía realmente mais nada
- b. *All'epoca non possedava *più già* nulla
 Àquela época não possuía mais realmente nada

Finalmente, levando em consideração que *mica* precede *già* e *già* precede *più*, espera-se que, por transitividade, *mica* preceda *più*. Acompanhe a seguir os exemplos em (6):

- (6) a. Non hanno chiamato *mica più*, da allora
 Não têm telefonado mais, desde então
- b. *Non hanno chiamato *più mica*, da allora
 Têm telefonado mais não, desde então

Aplicando sucessivamente o teste da subversão da ordem dos pares de AdvPs na sentença, Cinque chega à ordem relativa dos AdvPs "mais baixos" ilustrada em (7):

- (7) a. solitamente > mica > già > più > sempre > completamente > tutto > bene
- b. abitualmente > neanche > poi > ancora > mai > parzialmente > niente > male

Cada elemento relacionado em (7a) é representante de uma classe mais larga de advérbios. Assim, *neanche* em (7b) deve seguir advérbios como *solitamente/abituamente* e preceder advérbios como *già/poi*, já que ele pertence à mesma classe que o advérbio *mica*.

1.2.1.2 AdvPs (sentenciais) "mais altos"

Os AdvPs (sentenciais) "mais altos" compreendem a classe dos advérbios "orientados para o sujeito" e a classe dos "advérbios orientados para o falante", propostas por Jackendoff (1972, 89). Tomando por base essa classificação, os "advérbios orientados para o falante", tal como *provavelmente*, precedem os advérbios "orientados para o sujeito", tal como *inteligentemente*. Contudo, Bellert (1977) propõe que a classe dos advérbios "orientados para o falante" de Jackendoff deve ainda ser dividida nas seguintes classes distintas:

- (8) a. advérbios de domínio (*politicamente, legalmente...*)
- b. advérbios pragmáticos (*francamente, honestamente...*)
- c. advérbios avaliativos (*afortunadamente, felizmente...*)
- d. advérbios modais (*provavelmente, certamente...*)
- e. *Talvez*

Com essa classificação de Bellert, podemos dar conta do fato de que os advérbios de cada categoria em (8) podem co-ocorrer em uma determinada ordem, algo que, sob a proposta de Cinque, seria inesperado se eles fossem realmente membros de uma mesma

classe. Os advérbios *forse* (talvez) e *probabilmente* (provavelmente) em (8), por exemplo, podem co-ocorrer em uma sentença, tal como vemos em (9), abaixo:

- (9) a. Gianni sarà *probabilmente forse* ancora in grado di aiutarci
 G. provavelmente talvez ainda estará apto a nos ajudar
- b. *Gianni sarà *forse probabilmente* ancora in grado di aiutarci.
 G. talvez provavelmente ainda estará apto a nos ajudar

Os exemplos em (9) mostram ainda que advérbios como *probabilmente* devem preceder advérbios como *forse*.

Cinque assume a classificação de Bellert, e a partir de testes de subversão dos pares de AdvPs, estabelece a ordenação indicada em (10):

- (10) francamente > fortunatamente > evidentemente > probabilmente > *forse* > 'orientados para o sujeito'

No entanto, além das classes de advérbios já relacionadas até aqui, os AdvPs 'mais altos' compreendem ainda os advérbios referentes ao 'tempo da fala', como *ora* (agora). Este tipo de AdvP parece gozar de maior liberdade de distribuição, como podemos verificar em (11), abaixo, em que o advérbio *ora* pode tanto seguir como preceder os advérbios 'modais', 'avaliativos' e 'pragmáticos':

- (11) a. *Probabilmente ora* ci ascolterà
 Provavelmente agora nos escutará

- b. *Ora probabilmente* ci ascolterà
Agora provavelmente nos escutará
- c. *Fortunamente ora* sei con noi
Felizmente agora estão conosco
- d. *Ora fortunamente* sei con noi
Agora felizmente estão conosco
- e. *Francamente ora* mi hai stufato.
Francamente agora você tem me aborrecido
- f. *Ora francamente* mi hai stufato
Agora francamente você tem me aborrecido

Segundo Cinque, essa distribuição não traz problemas se pensarmos que os advérbios "relativos ao tempo da fala" são gerados à esquerda de *forse* (talvez) e à direita dos 'modais'. Neste caso, poderíamos explicar a eventual subversão da ordem pelo fato de que estes AdvPs "referentes ao tempo da fala" gozam da possibilidade de aparecer numa posição de Tópico à esquerda dos AdvPs sentenciais. A ordenação que Cinque estabelece para os AdvPs no espaço mais alto da sentença será então (12), em que, novamente, cada elemento relacionado é representativo de uma classe maior de advérbios:

- (12) francamente > fortunatamente > evidentemente > probabilmente > ora > forse > intelligentemente

1.2.1.3 AdvPs na posição pós-complemento

Aparentemente, todos os AdvPs que ocupam o "espaço" precedendo o complemento em italiano também podem ocorrer no "espaço" pós-complemento. Os AdvPs (sentenciais) "mais altos", no entanto, só aparecem na posição final do VP quando são separados do restante da sentença por uma pausa entonacional, tal como ilustram os exemplos em (13):

- (13) a. *Non posso sopportare neanche Carlo *onestamente*
 Não posso suportar mesmo Carlos honestamente
- b. Non posso sopportare neanche Carlo, *onestamente*
 Não posso suportar mesmo Carlos, honestamente

Por sua vez, os AdvPs (pré-VP) "mais baixos" podem ocorrer na posição pós-complemento sem restrições a respeito de serem separados por pausa entonacional ou não. Nesta posição carregam marca de foco e obedecem à mesma ordem relativa a que estariam sujeitos no espaço pré-VP, como podemos conferir em (14):

- (14) a. Gianni non vince le sue partite *già più sempre BENE*
 G. não vence as suas partidas já mais sempre bem
- b. *Gianni non vince le sue partite *già bene più SEMPRE*
 G. não vence as suas partidas já bem mais sempre

Com base nos exemplos em (14), poderíamos pensar que existem dois espaços para os AdvPs "mais baixos" ocorrerem, um pré-VP e outro pós-complemento. Neste caso, devemos explicar se os AdvPs "mais baixos" são gerados independentemente em cada um das duas posições ou se essas posições se relacionam através de movimento.

De acordo com o que os exemplos de Jackendoff (1972) sugerem, os AdvPs devem apresentar um significado distinto para cada posição diferente em que são gerados. Desse modo, *cleverly* em (15a) apresenta uma interpretação de modo, e em (15b), uma interpretação "orientada para o sujeito". Acompanhe os exemplos abaixo:

- (15) a. John has answered their questions *cleverly*
 J. respondeu suas questões inteligentemente
- b. John *cleverly* has answered their questions
 J. inteligentemente respondeu as suas questões

A sentença em (15a) diz que o modo como John respondeu as suas questões foi inteligente. Por sua vez, (15b) significa que foi inteligente da parte de John ter respondido as suas questões. Os AdvPs (pré-VP) "mais baixos", contudo, parecem manter a mesma interpretação nas duas posições em que ocorrem. Isso deve indicar que eles não são gerados independentemente em cada um dos dois "espaços", mas, sim, relacionados através de movimento. Cinque observa, no entanto, que a subversão da ordem relativa de dois AdvPs parece ser permitida apenas em movimentos envolvendo operadores-*wh* (ou operadores de foco). Isso acontece, provavelmente, em consequência da *Minimalidade Relativizada* (Rizzi, 1990) ou do *Movimento mais Curto* (Chomsky, 1995), que restringe a possibilidade de um constituinte de uma posição *A-barra* atravessar outro do mesmo tipo. Por esse

motivo, o AdvP *completamente* não poderia se mover sozinho por cima de *già* na sentença em (16):

(16) A Natale, credo che avesse *completamente* perso la testa di *GIA*

No Natal, creio que tivesse completamente perdido a cabeça realmente

Um modo de representar o movimento que caracteriza a relação entre os dois "espaços" sem violar a *Minimalidade Relativizada* é assumir que o AdvP não se move por si só, mas dentro de um constituinte mais largo. De acordo com isso, (16) acima é derivada pelo alçamento do constituinte incluindo *completamente*, tal como exemplifica a representação em (17):

(17) A Natale, credo che avesse di *già* [*completamente* perso la testa]



Se assumirmos o tipo de movimento em (17), podemos dispensar a noção de "espaço" pós-complemento para os AdvPs "mais baixos" alegando que essa posição é apenas uma ilusão criada pelo alçamento de uma porção mais baixa da sentença por cima de um ou mais AdvPs.

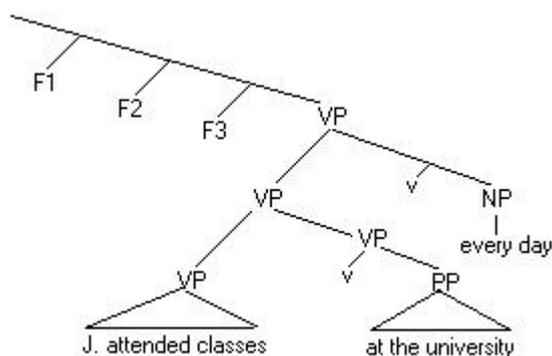
1.2.1.4 Os circunstanciais em Cinque (1999)

Para a classe de adverbiais conhecidos como circunstanciais, Cinque propõe um tratamento diferenciado. O autor nota que esses advérbios seguem o complemento do verbo

dentro do VP e não são ordenados uns em relação aos outros. Se a ordem rigorosa dos AdvPs é uma consequência da rígida ordem dos núcleos funcionais (via concordância Spec/núcleo), a ordenação livre dos adverbiais de circunstância deve indicar que eles não são gerados na posição de especificadores de projeções funcionais. Segundo o que o autor sugere, a posição precisa dos adverbiais de circunstância depende de mais pesquisas, muito embora algumas possibilidades presentes já possam ser avaliadas. O autor aponta que uma possibilidade seria seguir Chomsky (1995) na conclusão de que "if a shell structure is relevant at all, the additional phrases might be supported by empty heads below the main verb..." (Chomsky, 1995, p.333). Outra opção seria considerar a sugestão de Øystein Nilsen (1992), baseada num paralelismo entre a estrutura de orações e DPs. De acordo com Nilsen, assim como DPs possuem adjetivos predicativos como seus constituintes mais profundamente encaixados, orações devem possuir adverbiais "predicativos" como seus constituintes mais profundamente encaixados dentro do VP. Segundo essa perspectiva, a sentença em (18a) teria uma estrutura como a revelada em (18b), em que *at the university* é predicado do VP *John attended classes*, e *every day* é predicado do constituinte maior *John attended classes at the university* :

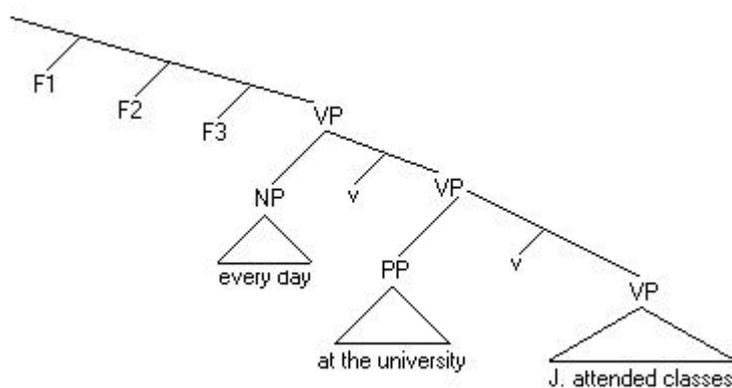
- (18) a. John attended classes at the university every day.
 J. atendeu classes na universidade todos os dias.

b.



Uma variante dessa idéia seria pegar a configuração em (18b) não como gerada na base, mas como derivada de uma estrutura subjacente como (19), em que os PPs adverbiais estão no Spec de VP "shells" distintas, seguidos por sucessivos movimentos obrigatórios (para a esquerda) dos VPs mais baixos para os Specs mais altos, tal como aparece abaixo:

(19)



Como podemos observar, Cinque traça um corte entre o que ele chama de AdvPs propriamente ditos e os Circunstanciais, sugerindo que os primeiros ocupam a posição de especificadores de projeções funcionais e os últimos, uma posição interna ao VP.

1.2.2 Davidson (1967):

Davidson (1967) está concentrado em descobrir a forma lógica das sentenças de ação. Uma de suas preocupações é explicar quantas posições disponíveis um predicado de ação possui. A questão que se coloca é a de como representar em forma lógica sentenças de ação como a que segue abaixo:

(20) João passou manteiga na torrada no banheiro com uma faca à meia noite.

De acordo com Anthony Kenny (19xx), (20) é uma sentença com um predicado de cinco lugares. No entanto, Kenny rejeita a idéia de que *João passou manteiga na torrada* seja uma forma elíptica de *João passou manteiga na torrada em algum lugar, com alguma coisa, em algum momento*. Isso nos coloca frente ao problema de como saber de antemão quantos argumentos um verbo de ação possui de fato. Davidson concorda com Kenny a respeito de que os verbos de ação não devem possuir um largo número de posições argumentais disponíveis. Contudo, admite a dificuldade de criar um método que incremente o número de argumentos indefinidamente. Davidson aponta problemas relativos à idéia de que uma sentença como (20) seja constituída de um predicado de cinco lugares. De acordo com o que propõe, se nós formos analisar *João passou manteiga na torrada* como um predicado de dois lugares, *João passou manteiga na torrada no banheiro* como um predicado de três lugares, apagaremos a relação lógica entre essas sentenças, nomeadamente que (20) acarreta as demais. Devemos poder explicar que a sentença em (21) acarreta (22), tal como podemos observar abaixo:

(21) João passou manteiga na torrada no banheiro.

(22) João passou manteiga na torrada.

Para mantermos a relação de acarretamento entre (21) e (22) devemos supor que a forma semântica de (21) é realizada como (21') abaixo:

(21') João passou manteiga na torrada e no banheiro.

Neste caso se (21) é verdadeira (22) também o é, uma vez lembrado que o conectivo 'e' (&) implica que uma forma qualquer 'p & q' é verdadeira *se* p é verdadeira e q é verdadeira. Logo, dado a verdade da sentença em (21), a sentença em (22) segue necessariamente. Além disso, devemos dar conta do fato de que o sintagma *no banheiro* em (21) deve conter um elemento sintático comum a *João passou manteiga na torrada*; ou seja, *no banheiro* deve estar de algum modo relacionado com a oração principal.

Questionando-se sobre a forma lógica de (20), Davidson propõe inicialmente (23):

(23) Há uma ação x tal que João fez x no banheiro e João fez x com uma faca e João fez x à meia-noite.

Sabemos que x consiste no fato de que *João passou manteiga na torrada*, mas necessitamos de um termo singular apropriado para substituir por x. Precisamos relacionar *no banheiro* em (21') a uma variável x, para que através dessa variável, o sintagma *no banheiro* fique naturalmente relacionado à sentença principal *João passou manteiga na torrada*.

A solução que Davidson apresenta consiste em estipular a existência de uma entidade *evento*, sobre a qual pode ser dito um indefinido número de coisas. Davidson começa sua argumentação dando exemplos de sentenças em que o pronominal *isso* em (24) é usado para referir uma ação, tal como podemos verificar abaixo:

(24) João fez isso lentamente, deliberadamente, no banheiro, com uma faca, à meia-noite.

O exemplo da sentença com o pronominal *isso* é usado com o fim de confirmar de algum modo a idéia de que ações são "coisas" que nós podemos descrever em um número de modos. O termo singular *isso* em (24) não se refere a *João* ou à *faca*, mas à ação praticada por João. Davidson usa este argumento para concluir que devem existir tais *entidades* como *eventos*. Baseado primeiramente na proposta de Reichenbach, segundo a qual sentenças de ação ordinárias possuem um quantificador existencial ligando uma variável-ação, Davidson propõe que sentenças de ação possuem um quantificador existencial ligando uma variável-evento. A idéia básica é que predicados de ação devem conter um lugar disponível para uma variável *evento*, e que uma sentença como 'Shem chutou Shaun' consiste em um predicado de três lugares, tal como ilustrado abaixo:

(25) $(\exists x)$ (chutou (Shem, Shaun, x))

Davidson assume que em (26) o verbo *guiou* possui três lugares, e a estrutura da sentença é tal como segue em (27):

(26) Eu guiei minha nave para a Estrela da Tarde

(27) $(\forall x)$ (guiei(eu, minha nave, x) & Para (a Estrela da Tarde, x))

Assumindo que em (26) *guiei* é um predicado de três lugares e que *a Estrela da Tarde* ocupa um lugar providenciado por *Para*, torna-se possível explicar que (26) acarreta (28) abaixo:

(28) Eu guiei minha nave

Portanto, a relação entre as sentenças (21) e (22) acima pode ser explicada do mesmo modo que a relação entre (26) e (28). A fórmula lógica de (21) é (21'') abaixo:

(21'') $(\forall x)$ (Passou manteiga (João, na torrada, x) & Em (o banheiro, x))

Davidson aponta para as vantagens de uma proposta que tem o mérito de sugerir um modo de tratar preposições como estruturas contribuintes. Segundo o que propõe, a estrutura lógica de uma sentença é geralmente cancelada quando preposições como aquela em (26) são consideradas partes integrantes dos verbos.

Além disso, a partir de sua análise, é possível relacionar o sintagma *no banheiro* à sentença principal *João passou manteiga na torrada* em (20). Através da variável *evento*, que se encontra presente tanto na oração principal quanto no sintagma adverbial introduzido pela preposição *em*, a relação entre as duas partes é justificada (o elemento comum *evento* relaciona as duas partes da sentença). Davidson vai procurar resolver o problema da variabilidade de posições disponíveis em um predicado de ação, argumentando

que em (20), por exemplo, o predicado *passar manteiga* possui apenas dois argumentos (*João e a torrada*), sendo que *no banheiro*, *com uma faca* e *à meia-noite* são introduzidos não pelo verbo, mas por preposições distintas². Davidson comenta que o problema envolvendo a forma lógica das sentenças de ação pode ser resolvido de um modo natural se introduzirmos *eventos* como entidades sobre as quais um indefinido número de coisas pode ser dito.

No que diz respeito aos advérbios, a proposta de Davidson é a de que os sintagmas adverbiais não modificam o verbo, mas o evento que certos verbos introduzem.

1.2.2.1 Os circunstanciais em Davidson (1967):

Dentre todos os outros tipos de adverbiais, é justamente a classe dos circunstanciais que Davidson menciona, quando expõe a sua tese sobre a forma lógica das sentenças de ação.

Davidson cita as relações de acarretamento quando explica a razão pela qual as sentenças de ação devem ter a forma lógica que ele propõe. Desse modo, tendo em vista a relação de acarretamento estabelecida entre (29a) e (29b), a forma lógica da sentença em (29a) deve ser aquela apresentada em (30) abaixo:

- (29) a. João passou manteiga na torrada no banheiro.
b. João passou manteiga na torrada.

² Larson e Segal (1995) interpretam a análise de Davidson afirmando que *no banheiro*, *com uma faca* e *à*

(30) a. (Yx) (Passou manteiga (João, torrada, x) & Em (o banheiro, x))

No entanto, se nós substituirmos o advérbio em (29a) por um outro que não seja um circunstancial, a relação de acarretamento não se confirma, tal como podemos observar em (31):

(31) a. Provavelmente João passou manteiga na torrada.
 b. João passou manteiga na torrada.

A partir da afirmação de que provavelmente *João passou manteiga na torrada*, nós não podemos concluir que *João passou manteiga na torrada*.

Se Davidson justifica a forma lógica em (30) baseado nas relações de acarretamento entre (29a) e (29b), o que dizer da forma lógica de sentenças como (31a), sendo que (31a) não acarreta (31b)? Neste caso, parece razoável supor que a forma lógica de (31a) deve ser algo diferente da que (30a) possui. Tudo isso nos sugere que o circunstancial *no banheiro* e o adverbial *provavelmente* se comportam de modo diferente.

O que observamos é que os circunstanciais constituem uma classe semanticamente coesa, no sentido de que para todo adverbial de circunstância, se o adverbial de circunstância é ligado a um predicado x em uma sentença Y, Y acarreta X. Entre os demais advérbios, como vimos em (31), isso não acontece.

Com base nesses fatos, podemos pensar que os adverbiais da classe dos circunstanciais, que sempre favorecem uma relação de acarretamento, comportam-se como

meia-noite são predicados distintos que pegam como seu único argumento a variável evento.

modificadores de um evento enquanto os demais adverbiais comportam-se como operadores, tal como propõe Øystein Nilsen (1997)³, a partir do trabalho de Davidson.

³ Nilsen apud Cinque.

ORAÇÕES RELATIVAS REDUZIDAS DE EVENTO

2.1 Introdução

O presente capítulo apresenta a análise de Nilsen (2000). Neste trabalho, o autor desenvolve um estudo sobre os adverbiais circunstanciais. Nilsen conduz sua análise sobre os PPs circunstanciais baseado em dados do norueguês. Contudo, sugere que é razoável esperar que a representação sintática para os circunstanciais por ele proposta deve poder ser aplicada a outras línguas.

2.2 Øystein Nilsen (2000)

Nilsen propõe que devemos conciliar três teorias para explicar adequadamente o comportamento dos advérbios circunstanciais. Ele argumenta que quando combinamos a teoria sobre a anti-simetria da estrutura frasal de Richard Kayne (1994), a teoria da hierarquia das projeções funcionais de Guglielmo Cinque (1995, 1999) e a semântica de eventos de Donald Davidson (1967), somos capazes de fazer predições bastante acuradas no que diz respeito à natureza dos adverbiais de circunstância.

Seguindo o que Kayne propõe para os adjuntos predicativos no domínio nominal, Nilsen defende a tese de que circunstanciais podem ser tratados como orações relativas reduzidas de eventos. Essa hipótese é perfeitamente compatível com a teoria sobre a anti-simetria da estrutura frasal, segundo a qual adjunção não é possível, pelo menos no sentido padrão. Ou seja, elementos opcionais tais como adverbiais, adjetivos e orações relativas não podem ser representados como adjuntos (à direita ou à esquerda) de VPs ou NPs.

Apesar de a estrutura geral do VP proposta por Larson (1988, 1990) e a análise de Barbiers (1995) também serem compatíveis com a teoria sobre anti-simetria de Kayne, Nilsen procura demonstrar a superioridade de sua análise, a partir de testes conhecidos de constituição, que apontam para a inadequação empírica da VP-shell larsoniana, e a partir de fatos relacionados à ordenação dos adverbiais, sobre os quais a análise de Barbiers não tem nada a dizer.

O autor adota a proposta de Cinque, assumindo que os adverbiais respeitam uma ordenação rígida entre si, e que essa ordem deve estar intimamente relacionada à ordenação estabelecida entre as projeções funcionais da sentença. Cinque estabelece que a ordem relativa dos adverbiais e (dos núcleos) das projeções funcionais podem ser reduzidas a um mesmo fenômeno, se admitirmos que os adverbiais são gerados na posição de especificadores de projeções funcionais distintas. Quanto aos advérbios circunstanciais, Cinque assume um ponto de vista diferente. Ele sugere que esses adverbiais não parecem respeitar qualquer ordenação entre si, e que isso deve indicar que eles não são gerados na posição de especificadores das projeções funcionais.

Entretanto, Nilsen defende a tese de que a análise de Cinque para os advérbios também pode ser estendida ao domínio dos circunstanciais, desde que sejam feitas as seguintes qualificações: os advérbios de circunstância são orações relativas reduzidas sobre

eventos, ocupam a posição de complemento de projeções funcionais distintas e, em decorrência disso, são ordenados entre si. Dessa forma, cada projeção funcional pode ter dois adverbiais associados a si, um sentencial ocupando a posição de especificador e um circunstancial como predicado da oração relativa reduzida.

No campo semântico, a teoria adotada é a semântica de eventos davidsoniana⁴, segundo a qual os circunstanciais são predicados de uma variável de evento subjacente. Nilsen propõe que circunstanciais são orações relativas reduzidas de eventos davidsonianos, e que essas orações relativas reduzidas pegam diferentes pedaços da hierarquia de Cinque como argumentos.

2.2.1 A semântica dos circunstanciais

Nilsen aponta duas maneiras de ver os circunstanciais semanticamente. Uma delas diz que eles são predicados de eventos subjacentes, a outra que eles são *operadores de predicado* (Predicate Operators). Ele vai propor, contudo, que a primeira visão, baseada em Davidson (1967), exprime o comportamento semântico dos circunstanciais de um modo mais elegante, principalmente no que diz respeito às relações de acarretamento.

Na visão Montagoviana, os circunstanciais são operadores, e como tais, devem atuar como funções, convertendo uma expressão de categoria X em outra expressão de categoria X. No entanto, de acordo com o que Nilsen sugere, se os circunstanciais atuam como funções, devem exaurir o seu domínio. Ou seja, eles devem estar aptos a pegar qualquer proposição em seu domínio, e dar a ela um novo valor, distinto em seu alcance.

⁴ Ver também Parsons 1990.

Esse tratamento parece funcionar com adverbiais como *necessariamente*, *possivelmente*, *não*, etc., mas não com circunstanciais. Nilsen nota que predicados *individual-level* não podem ser modificados por locativos, temporais, instrumentais, adverbiais de modo, etc., tal como podemos observar nos exemplos abaixo:

- (1) a. John knows French (*in Paris/*clumsily/*every day/*with a dictionary in his pocket).
 John sabe francês (em Paris/desajeitadamente/todo dia/com um dicionário no seu bolso).
- b. John speaks French (in Paris/clumsily/every day/with a dictionary in his pocket).
 John fala francês (em Paris/desajeitadamente/todo dia/com um dicionário no seu bolso)

O predicado *stage-level* de (1b) pode ser modificado pelos circunstanciais que o seguem. Por outro lado, (1a) demonstra que isso não é possível quando o predicado em questão é *individual-level*. Portanto, os circunstanciais não podem ser funções sobre todos os tipos de predicados.

Sob a análise em que circunstanciais são vistos como predicados de eventos, a agramaticalidade de (1a) pode ser facilmente explicada, se assumirmos a proposta de Kratzer (1989), segundo a qual predicados *stage-level*, mas não *individual-level*, introduzem um lugar de argumento extra para a variável de evento⁵. Neste caso, o contraste

⁵ Ser *stage-level* significaria ser uma eventualidade.

entre os exemplos de (1) decorre da ausência de um argumento para o circunstancial em (1a).

Outro problema que a abordagem Montagoviana enfrenta é o fato de que ela tem que postular duas representações semânticas homófonas para todo PP inglês (e norueguês), desde que todos eles poderiam ser usados ou como predicados simples ou como operadores de predicados. Considere os exemplos em (2) abaixo:

- (2) a. Bill saw [John in the park].
 Bill viu John no parque
- b. John is in the park.
 John está no parque

O PP *in the park* em (2a) deve estar sendo usado como um predicado simples em uma *small-clause*, visto que se estivesse sendo usado como um locativo ordinário, acarretaria que *Bill* deveria estar presente no parque durante o evento, o que não é verdadeiramente necessário. Pensar que o PP *in the park* em (2b) é uma função de predicado para predicado é ainda mais improvável, visto que não há de fato um predicado sobre o qual o PP em questão possa operar. A maneira mais razoável de tratar o PP *in the park* em (2) é dizer que ele atua como predicado simples sobre *John* tanto em (2a) como em (2b). Tendo em vista esses casos em que o PP pode funcionar como predicado simples, a abordagem que toma os circunstanciais como operadores de predicado deve supor que predicados simples e operadores de predicado possuem realizações homófonas. Nenhum problema recai sobre a semântica davidsoniana a esse respeito, devido ao fato de que segundo essa abordagem todos os PPs são predicados simples (predicate adverbials).

De acordo com o que Cresswell (1986)⁶ discute, a visão Montagoviana pressupõe uma ontologia básica mais simples, uma vez que não precisa postular uma variável de evento. No entanto, é a semântica de eventos davidsoniana que melhor pode explicar fatos como as relações de acarretamento em (3):

- (3) a. Brutus stabbed Caesar in the back with a knife.
 Brutus apunhalou Cesar nas costas com uma faca
- b. Brutus stabbed Caesar in the back.
 Brutus apunhalou Cesar nas costas
- c. Brutus stabbed Caesar with a knife.
 Brutus apunhalou Cesar com uma faca
- d. Brutus stabbed Caesar.
 Brutus apunhalou Cesar

Como nós podemos observar, a sentença em (3a) acarreta (3b-d); (3b) e (3c) acarretam (3d), enquanto o contrário desses acarretamentos não se estabelece. Finalmente, a conjunção de (3b-d) não acarreta (3a). Introduzindo um quantificador existencial sobre eventos, as sentenças em (3) recebem as representações semânticas em (4):

- (4) a. $\exists e[\text{sttabing}(e) \ \& \ \text{Ag}(e,\text{Brutus}) \ \& \ \text{Th}(e,\text{Caesar}) \ \& \ \text{in}(e,\text{Caesar's back}) \ \& \ \text{with}(e,\text{knife})]$
- b. $\exists e[\text{sttabing}(e) \ \& \ \text{Ag}(e,\text{Brutus}) \ \& \ \text{Th}(e,\text{Caesar}) \ \& \ \text{in}(e,\text{Caesar's back})]$
- c. $\exists e[\text{sttabing}(e) \ \& \ \text{Ag}(e,\text{Brutus}) \ \& \ \text{Th}(e,\text{Caesar}) \ \& \ \text{with}(e,\text{knife})]$
- d. $\exists e[\text{sttabing}(e) \ \& \ \text{Ag}(e,\text{Brutus}) \ \& \ \text{Th}(e,\text{Caesar})]$

⁶ apud Nilsen (2000)

De acordo com (4), (3a) não pode realmente ser verdade a menos que (3b-d) também o sejam. Por sua vez, (3b-d) nem suas conjunções podem acarretar (3a), já que (3b-d) podem quantificar sobre eventos distintos. Como podemos ver, a quantificação davidsoniana sobre eventos fornece uma explicação razoavelmente simples para o comportamento lógico dos adverbiais em (3).

Nilsen se vale da semântica de eventos davidsoniana para dar aos adverbiais (predicate adverbials) uma análise paralela àquela atribuída aos adjetivos intersectivos e às orações relativas restritivas de NPs. Estes últimos têm sido analisados como predicados sobre uma variável individual no NP (Higginbotham, 1985). Assim, a extensão de um NP como *o suéter amarelo* é representada como em (5) abaixo:

(5) $\{x: \text{suéter}(x)\} \cap \{x: \text{amarelo}(x)\}$.

(5) representa a intersecção entre o conjunto de coisas que são suéteres e o conjunto de coisas que são amarelas. A semântica de eventos davidsoniana permite que analisemos um predicado adverbial de modo análogo, de tal modo que um VP intransitivo como *desmaiar* vai ser visto como um conjunto de "eventos-desmaios". Neste caso, a extensão do VP *desmaiar no parque* deve ser representada como segue em (6):

(6) $\{e: \text{desmaiar}(e)\} \cap \{e: \text{em}(e, \text{o parque})\}$.

(6) representa a intersecção do conjunto de eventos que são desmaios e o conjunto de eventos que tomam lugar no parque.

Nilsen sugere que o paralelismo semântico que observamos entre adjuntos predicativos de NPs e PPs adverbiais pode servir como indício de que eles também apresentam comportamento equivalente no campo sintático. Nós veremos, abaixo, que o autor vai propor que isso realmente acontece. Ou seja, ele vai sugerir que a análise de Kayne (1994) para os adjuntos predicativos deve ser estendida ao domínio dos adverbiais.

2.2.2 Anti-simetria⁷

Kayne (1994) deriva a ordenação linear dos nós terminais a partir das relações hierárquicas estabelecidas entre nós não terminais.

A idéia central contida em seu Axioma de Correspondência Linear (doravante LCA⁸) é a de que, se um X não-terminal assimetricamente c-comanda um Y não-terminal, todo terminal x dominado por X vai preceder qualquer terminal y dominado por Y.

O conjunto de relações relevantes entre nós estabelecido por Kayne segue como em (7-10), abaixo:

(7) X assimetricamente c-comanda Y sse X c-comanda Y e Y não c-comanda X.

(8) $A = \text{df}$ o conjunto de todos os pares ordenados de nós não-terminais $\langle X_j, Y_j \rangle$, tal que para cada j, X_j assimetricamente c-comanda Y_j .

(9) $d(X) = \text{df}$ o conjunto de terminais dominados por X.

(10) $d\langle X, Y \rangle$ o conjunto de pares ordenados $\{ \langle a, b \rangle \}$, tal que a é um membro de

⁷ Kayne apud Nilsen.

⁸ Da expressão inglesa 'Linear Correspondence Axiom'.

$d(X)$, e b é um membro de $d(Y)$.

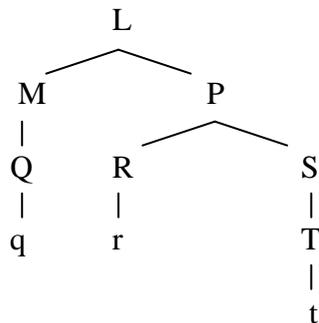
Kayne propõe o seguinte axioma para traduzir a estrutura hierárquica em ordem linear, em que T corresponde aos terminais de uma árvore:

(11) Axioma de Correspondência Linear (LCA)

$d(A)$ é uma ordenação linear de T .

Kayne altera a definição de *c-comando*⁹ de modo a acomodar as relações de precedência linear entre os nós terminais em uma estrutura como (12) abaixo:

(12)



A ordenação linear em (12) é contraditória, já que nós temos $\{<M,R>\}$ e $\{<P,Q>\}$ entre o conjunto dos pares ordenados de nós não-terminais. Isso significa que a $d(A)$ para (12) vai conter tanto $\{<q,r>\}$ quanto $\{<r,q>\}$. O motivo da ordenação contraditória tem a ver com o fato de que M e P estabelecem uma relação muito simétrica entre si, ambos sendo projeções máximas, dominadas imediatamente pelo mesmo nó. Para evitar a

⁹ Ele altera a definição familiar de *c-comando*, segundo a qual \hat{a} *c-comanda* \hat{b} se todo \tilde{a} que domina \hat{a} também domina \hat{b} , e nem \hat{a} domina \hat{b} , nem \hat{b} domina \hat{a} .

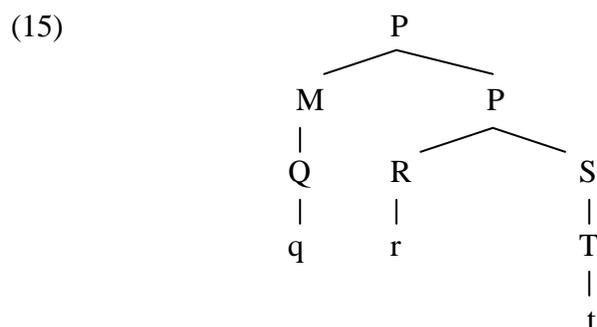
ordenação contraditória em (12), Kayne reformula o conceito de c-comando, adotando a distinção familiar entre segmento e categoria. Sua proposta consiste em dizer que um nóculo deve ser dominado por todos os segmentos de uma categoria para que possa ser propriamente dominado por ela. Ele passa a definir c-comando nos seguintes termos:

(13) C-comando = df

X c-comanda Y sse X e Y são categorias e X exclui Y e toda categoria que domina X domina Y.

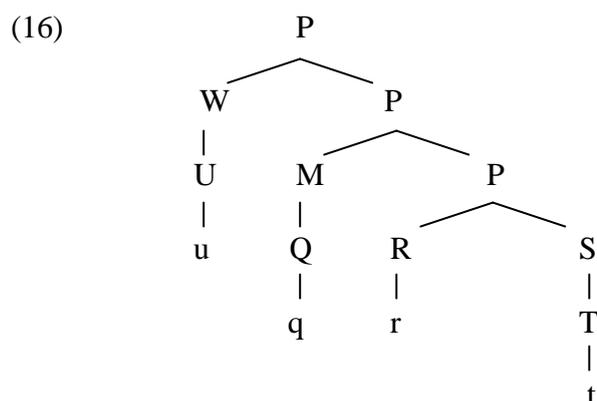
(14) Uma categoria X exclui outra categoria Y, sse nenhum segmento de X domina Y.

Kayne resolve o problema da ordenação contraditória de (12), dizendo que o especificador de um XP é adjungido a XP. Neste caso, devemos substituir (12) por (15), que possui dois segmentos da categoria P:



Com base na definição de c-comando em (13), o P mais baixo não pode c-comandar Q, já que a categoria P não exclui Q. Portanto, A para (15) é {<q,r>, <q,t>, <r,t>}, sem qualquer contradição no que diz respeito à ordenação dos nóculos terminais.

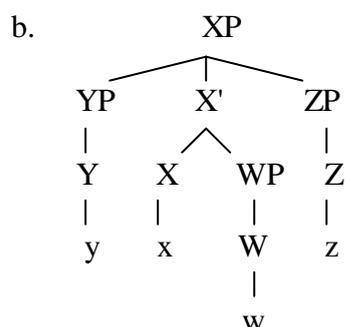
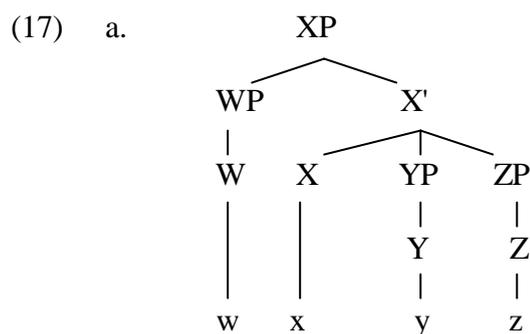
O LCA prediz ainda que nenhuma adjunção posterior a P será permitida em (15), pois isto colocaria o especificador e o sintagma adjungido numa relação muito simétrica, tal como podemos ver em (16), abaixo:



Em (16) nem M nem W são apropriadamente dominados por todos os segmentos de P. Portanto, todas as categorias dominando M também dominam W. Então, W c-comanda Q assimetricamente, visto que W e Q são categorias, W exclui Q, e todo XP acima de P dominando W também domina Q e a primeira categoria que domina Q não domina W. Isso faz com que $d(A)$ contenha $\langle u, q \rangle$. No entanto, $d(A)$ para (16) também contém $\langle q, u \rangle$, desde que M e U são categorias, M exclui U, todo XP acima de P dominando M também domina U e a primeira categoria dominando U não domina M. Ou seja, M c-comanda assimetricamente U. Assim sendo, W e M mantêm uma relação muito simétrica, e nenhuma ordem coerente é estabelecida entre u e q .

Isso traz importantes conseqüências para análise dos adverbiais, dado que estes têm sido convencionalmente considerados elementos adjuntos. No sistema de Kayne a distinção entre especificadores e adjuntos desaparece, e adjunção no sentido padrão não é mais disponível.

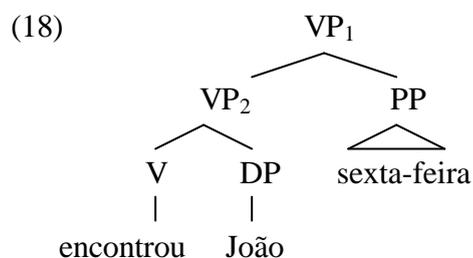
Outra predição que o LCA vai fazer é a de que ramificações devem ser binárias. As estruturas com mais de um complemento ou mais de um especificador/adjunto acarretam ordenações contraditórias entre os nódulos terminais, tal como podemos ver nos exemplos abaixo¹⁰:



O problema com a estrutura (17a) é que ela contém os pares ordenados {...<YP, Z>, <ZP, Y>, ...}. Conseqüentemente, $d(A)$ para (17a) vai conter tanto <y,z> como <z,y>. Por sua vez, (17b) possui os pares ordenados {...<YP, Z>, <ZP, Y>...}. Assim sendo, $d(A)$ para (17b) contraditoriamente vai conter tanto <y,z> como <z,y>. Portanto, o LCA prediz que um núcleo pode ter apenas um complemento e apenas um especificador/adjunto.

¹⁰ Em (17a-b), X' deve ser analisado como um segmento da categoria XP.

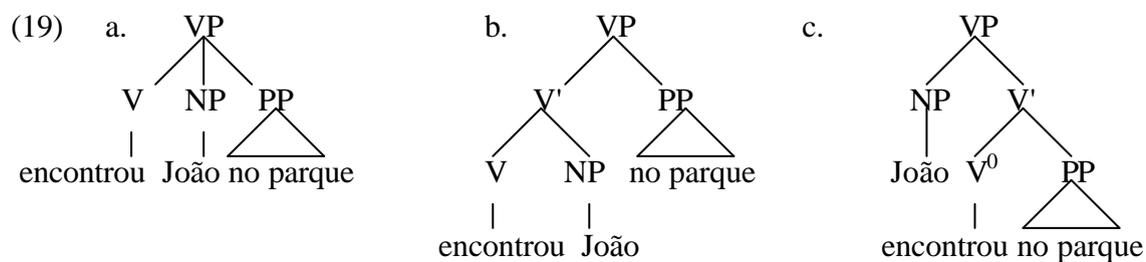
Finalmente, o LCA restringe movimento e adjunção à direita, visto que em estruturas como (18), abaixo, A contém <PP, V> e <PP,DP>, mas não <V,PP> e <DP,PP>:



O LCA determina que o PP em (18) deve preceder o verbo e o seu objeto. Isto significa que o LCA é incompatível com a visão de que os adverbiais são adjungidos à direita do VP.

2.2.3 A estrutura do VP

Nilsen discute três alternativas para a estrutura frasal dos adverbiais. A primeira delas é a estrutura "plana" em (19a), normalmente atribuída a Oehrle; a segunda corresponde à estrutura X-barra proposta por Chomsky (1981) e, finalmente, a terceira, em (19c), é a estrutura sugerida por Larson (1988, 1990), conhecida como "VP-shell":



Segundo Nilsen, a estrutura em (19b) é empiricamente superior às demais. Ele propõe que (19a) e (19c) devem ser desconsideradas, já que não resistem a conhecidos testes de constituência, tais como permutação e substituição.

Dados relativos à topicalização do VP podem fornecer evidências sobre as relações de constituência estabelecidas no VP. Considere os exemplos em (20), abaixo:

- (20)
- a. [Møtte henne] gjorde jeg i parken på fredag.
encontrá-la fiz eu em parque-o sexta-feira
 - b. [Møtte henne i parken] gjorde jeg på fredag.
encontrá-la em parque-o fiz eu sexta-feira
 - c. [Møtte henne i parken på fredag] gjorde jeg (ikke).
encontrá-la em parque-o sexta-feira fiz eu não

O VP foi topicalizado nos exemplos em (20). Nós podemos pensar, a princípio, que a seqüência de palavras entre colchetes foi movida como um todo ou que houve movimentos separados. Nilsen descarta a segunda hipótese, baseado no fato de que o norueguês é uma língua V2, e, neste caso, a seqüência que precede o verbo deve formar um constituinte. A análise do movimento único prevê que as seqüências entre colchetes em (20) sejam constituintes, dado que, se uma seqüência de palavras pode ser movida como um todo, isso quer dizer que deve haver um nóculo dominando exclusivamente essa seqüência.

Uma vez que a análise dos movimentos separados foi desconsiderada, os exemplos em (20) devem indicar que as seqüências entre colchetes formam um constituinte, excluindo a seqüência que ficou para trás. Ou seja, em um exemplo como (20a), a seqüência *Møtte henne* deve formar um constituinte, excluindo a seqüência *i parken på*

fredag, que foi deixada para trás. Portanto, o VP em questão deve possuir os seguintes constituintes: *Møtte henne*, *Møtte henne i parken* e *Møtte henne i parken på fredag*. Isso sugere que a estrutura geral do VP deve se acomodar às relações de constituição estabelecidas em (21):

- (21) [[[met her] in the park] on Friday]
 encontrá-la no parque sexta-feira

As sentenças mal-formadas em (22) confirmam a estrutura proposta em (21), tal como podemos observar a seguir:

- (22) a. ? *Møtte henne på fredag gjorde jeg i parken.*
 encontrá-la sexta-feira fiz eu em parque-o
- b. * *Møtte i parken gjorde jeg henne på fredag.*
 encontrar em parque-o fiz eu (el)a sexta-feira
- c. **Møtte gjorde jeg henne i parken på fredag.*
 encontrar fiz eu (el)a em parque-o sexta-feira
- d. **Møtte på fredag gjorde jeg henne i parken.*
 encontrar sexta-feira fiz eu (el)a em parque-o

Os exemplos em (22), acima, demonstram que *Møtte henne på fredag*, *Møtte i parken* e *Møtte på fredag* não são constituintes, exatamente como prevê a estrutura em (21)¹¹.

¹¹ O fato de que os exemplos em (22) são todos agramaticais poder ser visto também como um contra-exemplo para a análise dos movimentos separados, discutida acima.

Considerando que os exemplos em (22) são todos agramaticais, os únicos exemplos de topicalização possíveis para o VP em questão devem ser aqueles apresentados em (20). Isso nos leva a pensar que (21) é realmente a única estrutura válida para o VP.

Os fatos apresentados em (20) e (22) são suficientes para desqualificar a estrutura (19a), dado que uma estrutura totalmente plana não se conforma às relações de constituição estabelecidas em (21). Em (19a) não há nenhum nóculo dominando o verbo e o objeto, excluindo os adverbiais, por exemplo. De acordo com (19a), as seqüências *Møtte henne* e *Møtte henne i parken* em (20) não são constituintes. Conseqüentemente, a estrutura em (19a) erroneamente prediz que as sentenças em (20a-b) são agramaticais.

De acordo com a estrutura proposta por Larson, o objeto e o verbo não formam um constituinte que exclua os adverbiais. Portanto, (19c) prediz que as seqüências entre colchetes em (20), acima, não podem ser movidas, deixando um adverbial para trás. Para derivar (20a-b), Larson precisa postular que os adverbiais se movem para fora do VP, antes que este seja topicalizado.

Além disso, a estrutura (19c) deve poder prever que os PPs temporais são gerados "do lado de fora" dos locativos; ou seja, a estrutura larsoniana deve assegurar que os locativos sejam gerados mais próximos do VP que os temporais, tal como sugere o contraste entre as sentenças (20b) e (22a), repetidas abaixo:

- (23) a. [Møtte henne i parken] gjorde jeg på fredag.
 encontrá-la em parque-o fiz eu sexta-feira
- b. ?[Møtte henne på fredag] gjorde jeg i parken.
 encontrá-la sexta-feira fiz eu em parque-o

Nilsen observa ainda que, em posição final¹², o PP locativo pode seguir o temporal, apenas se for focalizado. Considere os exemplos em (24):

- (24) a. Jeg møtte ham i parken på fredag.
 Eu a encontrei em parque-o sexta-feira
- b. Jeg møtte ham på fredag I PARKEN/*i parken.

Nós podemos explicar o padrão em (24), se admitirmos que os locativos de fato precedem os temporais e que existe uma projeção 'FocP' acima do VP, para a qual a projeção focalizada se move. Neste caso, o restante do VP passaria por sobre FocP, como aparece em (25):

- (25) [_{FocP} [no parque]_i ... [_{VP} o encontrar t_i sexta-feira]] VP to spec-XP
 [XP [_{VP} o encontrar t_i sexta-feira]_j [_{FocP} [no parque]_i ... t_j]]

De acordo com (19c), o movimento para spec-FocP seria o único modo de o temporal "escapar" da seqüência entre colchetes em (23a). Depois disso, o restante do VP seria movido por cima de Foc.

Adverbiais pronominais (adverbial proforms) fornecem mais evidências de que os locativos devem preceder os temporais, tal como é exemplificado abaixo:

- (26) a. Jeg møtte ham der da.
Eu o encontrei lá então.
- b. *Jeg møtte ham da der

Os adverbiais acima devem ser tópicos, visto que, como pronominais, requerem um antecedente no discurso. Se admitirmos a ordem <LOC, TEMP>, podemos explicar o padrão em (26), dizendo que o adverbial tópico *lá* não pode ser movido para spec-FocP.

Outro argumento a favor da idéia de que os temporais são gerados "do lado de fora" dos locativos vem de fatos relacionados a *frame-fronting* (fronteamento da estrutura). Segundo Cinque (1995-1999), os PPs adverbiais podem ocupar uma posição-tópico precedendo todos os advérbios sentenciais. Observe os dados em (27), que demonstram que *fronteamento* de PPs é sintaticamente restrito:

- (27) a. ...at jeg på fredag møtte Jon i parken.
...que eu sexta-feira encontrei John em parque-o
- b. *...at jeg i parken møtte Jon på fredag.
- (28) ...at jeg i parken møtte en mann som lignet på deg.
...que eu em parque-o encontrei um homem que parecia gostar de você.

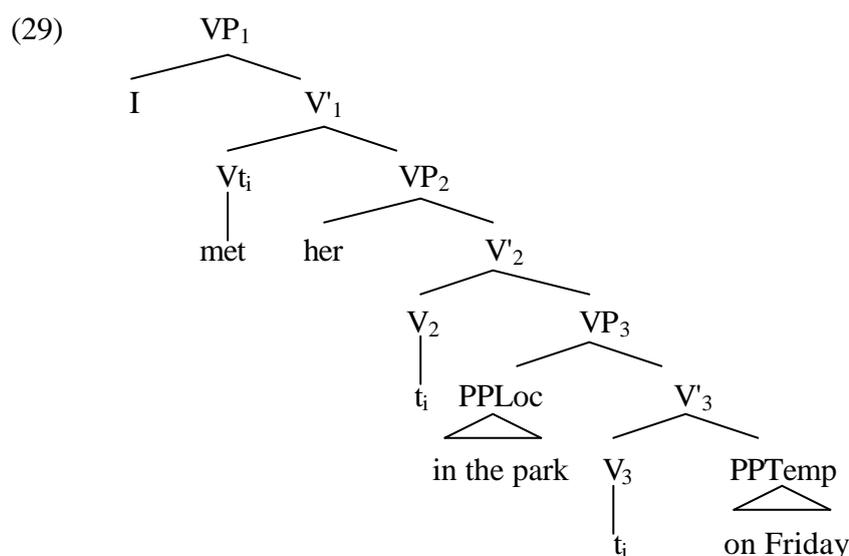
Nilsen propõe que a restrição sobre (27b) decorre do efeito de superioridade, que proibiria o movimento de um adverbial por cima de outro estruturalmente superior¹³. Então,

¹² Barbiers (1995), citando Koster, mostra que em holandês, há um 'efeito-espelho' sobre os PPs, tal que se eles aparecem na ordem <PP₁, PP₂, PP₃> na posição pré-VP, eles vão aparecer na ordem <PP₃, PP₂, PP₁> quando eles seguem o VP.

¹³ Nilsen propõe que analisemos o padrão em (27) de modo análogo ao caso de superioridade abaixo:

poderíamos explicar o contraste entre (27a) e (27b), dizendo que os temporais são estruturalmente superiores aos locativos. (28) indica que a posição-tópico precedendo os sentenciais não é vedada aos locativos. Neste caso, deve ser a presença de um temporal que bloqueia o *frame-fronting* do locativo em (27). Por outro lado, a abordagem que prevê a livre adjunção dos adverbiais não teria nenhuma explicação óbvia para o padrão em (27-28).

Para dar conta dos fatos relacionados à ordenação entre temporais e locativos discutidos acima, Larson deve postular que o locativo ocupa uma posição mais alta que o temporal na estrutura em (29):



A análise que prevê que os adverbiais são movidos para fora do VP, antes que este seja topicalizado, deve ser construída de modo a permitir (20a-b), mas não as formas

-
- a. Who did you give which paycheck?
 - b. *Which paycheck did you give who?

Estes exemplos mostram que um constituinte-wh não pode ser movido por cima de outro constituinte-wh estruturalmente superior.

agramaticais em (22). No entanto, para explicar o fato de que (20b), mas não (22a), é gramatical, Larson teria que lançar mão de uma teoria que permite mover um adverbial por sobre outro, mas impede que o locativo se mova para FocP, caso haja um temporal numa posição mais baixa. Ou seja, a análise de Larson prediz que o temporal deve poder se mover para FocP, passando por cima do locativo, mas restringe o movimento de PP_{Loc} , que, a princípio, não precisaria cruzar qualquer outro adverbial. Como nós podemos ver, Larson seria forçado a fazer estranhas generalizações sobre o movimento dos adverbiais a fim de sustentar (19c).

Além do mais, a análise de Larson prediz que adverbiais devem se sujeitar ao mesmo tipo de "assimetrias lógicas" com os argumentos internos do verbo que Barss & Lasnik (1986) observaram entre os argumentos internos. Em outras palavras, a estrutura (19c) prevê que os argumentos internos do verbo devem c-comandar os circunstanciais. Nilsen procura demonstrar que esta previsão não é correta, a partir de exemplos como os de (30-31), abaixo:

- (30) a. Du overlot barna_i til foreldrene sine_i.
 you left children-the to parents-the REFL
 você entregou crianças-as para pais-os REFL
- b. Du ga studentene_i oppgavene sine_i tilbake.
 y ou gave students-the papers-the REFL back
 você devolveu para estudante-os papeis-the REFL
- (31) a. *Du traff Per_i i hagen sin_i.
 você encontrou Per em jardim-o REFL
- b. *Du traff Per_i på bursdagen sin_i.

você encontrou Per em aniversário-o REF

Os exemplos em (30) mostram que o objeto direto e o objeto dativo podem vincular o reflexivo dentro do dativo preposicional e do objeto direto, respectivamente. Os dados em (31), por sua vez, apontam que o objeto não pode vincular um reflexivo que se encontra dentro do adverbial. Neste caso, as sentenças (31a-b) são agramaticais porque violam o princípio A da Teoria da Ligação. Com base nestes dados, podemos pensar que o objeto direto não c-comanda os circunstanciais. PPs adverbiais não são gerados na parte mais baixa de VP-shells larsonianas. Nilsen discute ainda dados que envolvem relações de escopo, polaridade negativa, lacunas parasitas (parasitic gaps), efeito de cruzamento fraco (weak crossover) e conflito no tipo de cadeia (Chain-type clash). O tema recorrente em todos esses casos é o de que a estrutura de Larson trata as relações de c-comando entre argumentos e adverbiais de modo incorreto. O autor aponta para o fato de que a estrutura com adjunção à direita, por outro lado, pode explicar o padrão em (31) naturalmente.

Outro tipo de evidência que podemos usar para definir as relações de constituição estabelecidas dentro do VP vem de testes de substituição. Considere os exemplos abaixo:

- (32) a. John buried the corpse in the park on Friday, and Jack did so...
 John enterrou o corpo no parque sexta-feira, e Jack fez isso...
- b. ... in his garden on Saturday.
 ...em seu jardim no sábado
- c. ... on Saturday.
 ...no sábado
- d. * ... in his garden.

...em seu jardim

e. * ... his mother in the garden on Saturday.

...sua mãe no jardim sábado

Os exemplos de (32b-c), mas não os de (32d-e), constituem continuações possíveis para (32a). Nas sentenças acima, o pronominal 'so' substitui o VP. A agramaticalidade de (32d) indica que não há nenhum constituinte '[bury the corpse on Friday]', excluindo o PP locativo, tal que 'so' substituiria esse constituinte. Por outro lado, a gramaticalidade de (32c) sugere que há um constituinte substituível '[bury the corpse in the park]' que exclui o PP temporal. Nós vimos, então, que o padrão em (32) fornece o mesmo resultado que os exemplos sobre topicalização do VP, discutidos acima. Ou seja, (32) também sugere que (21) deve refletir as relações de constituição do VP. Como (19a) e (19c) não se conformam às relações de constituição estabelecidas em (21), os exemplos em (32) devem ser construídos como argumentos contra essas duas estruturas.

Por outro lado, a estrutura em (19b) trata os fatos sobre topicalização e substituição de um modo perfeitamente natural. Em (19b), nós temos um nóculo dominando exclusivamente o verbo e o objeto e outro dominando exclusivamente o verbo, o objeto e o locativo. Isso significa que (19b) prevê que '[met her]' forma um constituinte, excluindo os advérbios e '[met her in the park]' forma um constituinte, excluindo o temporal. Portanto, (19b) é a única estrutura compatível com (21). Neste caso, essa estrutura deve ser considerada empiricamente superior a (19a,c). Contudo, isso não quer dizer que a estrutura com adjunção à direita seja necessariamente correta. Nilsen vai propor uma estrutura alternativa que, além de preservar as virtudes de (19b), é compatível com o LCA de Kayne (1994).

2.2.4 Duas alternativas compatíveis com o LCA

Os fatos que envolvem relações de constituição e c-comando discutidos acima selecionam uma estrutura como (33).

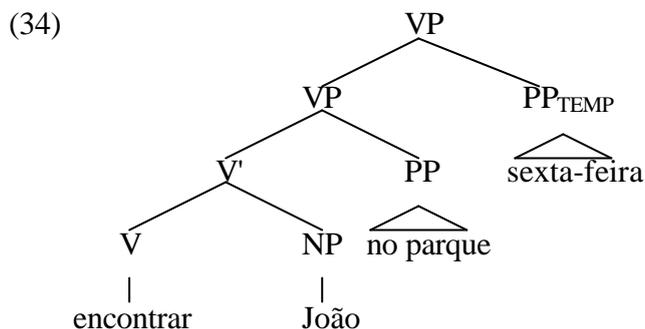
(33) [[[OI [OD V⁰ PPdat]] PP_{LOC}] PP_{TEMP}]¹⁴

O axioma de correspondência linear de Kayne (1994) prevê que quando o verbo e seu objeto precedem um PP adverbial, ou eles próprios c-comandam o adverbial assimetricamente¹⁵ ou eles estão contidos em alguma categoria que c-comanda o adverbial assimetricamente. Como em (33) os argumentos internos do verbo não c-comandam os adverbiais diretamente, apenas a segunda opção permanece. Isto é, o VP deve estar contido no especificador do adverbial¹⁶. Nos termos do LCA, se YP está no especificador de XP, qualquer elemento terminal *z*, mesmo que profundamente encaixado em YP, vai preceder o núcleo de XP e seu complemento.

A única estrutura na literatura que se conforma a (33) é aquela proposta por Chomsky (1981). No entanto, como podemos ver em (34), essa estrutura viola o LCA, dado que comporta mais de uma adjunção, todas elas à direita.

¹⁴ OI é o objeto dativo de construções com objeto duplo.

¹⁵ Essa é a proposta de Larson (1988).

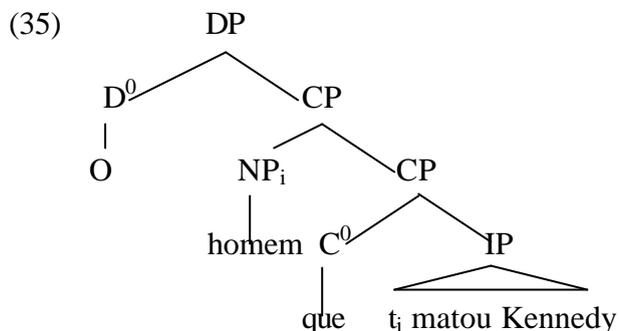


Nilsen sugere, contudo, que há duas maneiras de fazer (33) compatível com o LCA. Uma delas é gerar o VP no especificador do adverbial, a outra é mover o VP para esta posição. A primeira é proposta pelo autor, e tem os adverbiais como orações relativas reduzidas de eventos, a segunda é proposta por Barbiers (1995), que gera os PPs como especificadores dos VPs mais altos em uma estrutura larsoniana, e então move os VPs mais baixos para o especificador dos PPs adverbiais.

2.2.4.1 Predicados adverbiais como Orações Relativas Reduzidas

Nós vimos acima que Nilsen propõe que os adverbiais sejam analisados de um modo paralelo aos adjuntos predicativos. Kayne (1994) discute o comportamento destes últimos, sugerindo que eles são orações relativas reduzidas. Sob esta análise, o núcleo da construção em (35), '*homem*', é gerado como argumento dentro da oração relativa, tal como segue abaixo:

¹⁶ Teoricamente, o VP também pode estar contido em um especificador mais alto que o adverbial.



Num segundo momento, o NP se move para o spec-CP da oração relativa, que é gerada como complemento de D^0 . Um argumento empírico a favor dessa análise é o de que ela provê uma explicação simples para o efeito de reconstrução em sentenças como (36), abaixo. Considere também (37), que corresponde à representação de Kayne para (36):

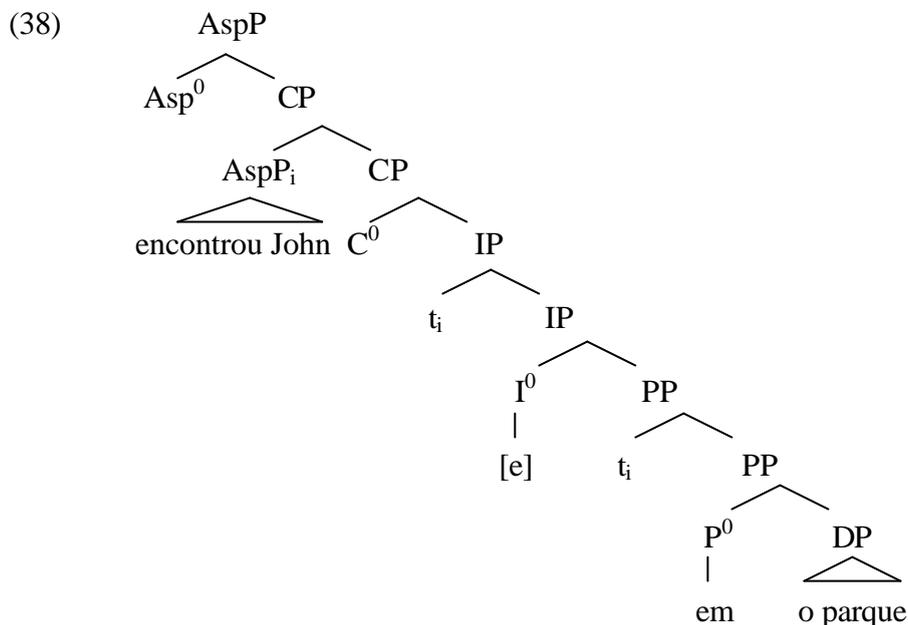
(36) John_i saw the picture of himself_j that Bill_j painted yesterday.

John viu a pintura dele mesmo que Bill pintou ontem

(37) [John_i saw [_{DP} the [_{CP} [picture of himself] [_{CP} that [_{IP} Bill_j painted [~~picture of himself~~] yesterday]]]]]]

A anáfora pode ser co-indexada a *Bill* ou a *John* em (36). A análise de Kayne unida à teoria da reconstrução de Chomsky (1995), com a Teoria de "cópia" do movimento, etc pode explicar a ambigüidade da sentença acima, já que em (37) a expressão-R c-comanda a anáfora de qualquer ponto da derivação.

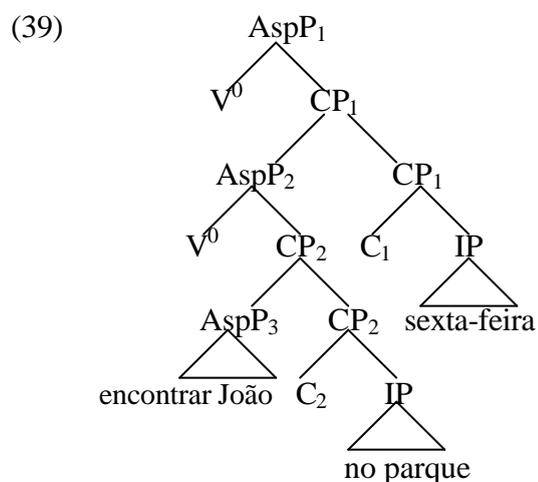
Seguindo Kayne, Nilsen propõe a seguinte estrutura para o VP [encontrou John no parque]:



Acima, o VP contido em AspP é gerado em spec-PP. Segundo Nilsen (2000), "o 'argumento evento' (Asp_i nesta estrutura) é inserido no especificador do PP locativo. Então, ele se move para spec-CP, passando por spec-IP, exatamente como 'o núcleo relativo' nominal na análise de Kayne" (p. 98). Note que Nilsen usa a expressão 'argumento evento' no lugar de $AspP_i$. Na verdade ele supõe que o evento é representado sintaticamente pelo VP ou alguma projeção funcional aspectual que o contenha.

Voltando à estrutura em (38), há apenas dois pontos em que a análise de Nilsen difere da proposta por Kayne em (35). O primeiro deles tem a ver com o fato de que o núcleo mais alto da estrutura de Nilsen é uma categoria funcional verbal ao invés do D nominal. Nilsen supõe que a categoria funcional específica a que pertence o núcleo mais alto da oração relativa reduzida de eventos varia de acordo com a interpretação semântica do adverbial. A segunda diferença diz respeito à natureza do XP que se move para spec-CP.

Na estrutura de Kayne, o núcleo da relativa é analisado como um bare NP. Nilsen, contudo, opta por não analisar o XP alçado para spec-CP como um bare VP, dado que isso tornaria inviável a análise de uma estrutura com mais de um predicado adverbial¹⁷. Como podemos observar em (39), uma sentença com mais de um adverbial é derivada a partir do empilhamento das orações relativas reduzidas¹⁸.



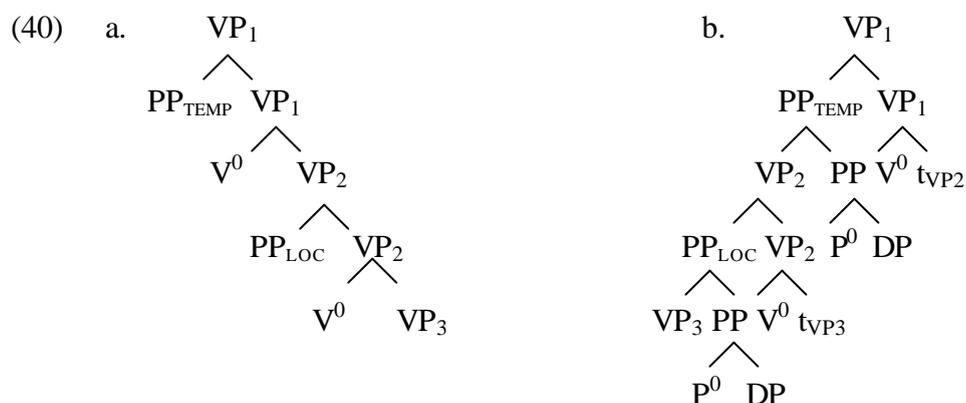
Para derivar a sentença *encontrou João no parque sexta-feira* basta inserir (38), que corresponde a Asp₂ em (39), no especificador do PP temporal e, depois, alçar Asp₂ para spec-CP₁. Nilsen insiste que sua proposta para os predicados adverbiais é apenas uma extensão de outra análise, a de Kayne, independentemente motivada em outro domínio, o das relativas. Finalmente, ele aponta para a virtude de uma análise que possibilita tratar desses fenômenos de modo unitário.

¹⁷ Nilsen sugere que esse problema também se coloca para a análise de Kayne, citando o trabalho de Bianchi (1995) que defende que o argumento das relativas não deve ser um bare NP.

¹⁸ Para permitir o movimento do verbo para posição V2 em norueguês, Nilsen tem que permitir que o verbo seja extraído do spec-CP. Barbiers (1995), como veremos abaixo, também tem que permitir a extração do verbo de uma ramificação à esquerda, visto que a sua análise prevê que o VP seja movido para spec-PP. Alternativamente, Nilsen (em preparação) e Hallman (ms, UCLA) defendem o movimento de XP ao invés do movimento de núcleo para V2.

2.2.4.2 A proposta de Barbiers (1995)

A outra opção compatível com o LCA é a análise de Sjeff Barbiers (1995). Ele propõe que o VP é gerado na parte de baixo e os advérbios na parte de cima de uma *VP-shell* larsoniana, tal como em (40a), abaixo:



A estrutura em (40b) corresponde à ordem derivada, em que o VP é sucessivamente movido para dentro do especificador dos advérbios.^{19 20}

2.2.5 Elegendo a melhor estrutura

¹⁹ Barbiers omite o núcleo vazio dos VPs mais altos, dado que permite mais de uma adjunção por XP. Nilsen os adicionou nas estruturas em (40) apenas para facilitar a exposição.

²⁰ Sem entrar em detalhes sobre o 'Princípio de Interpretação Semântica' proposto por Barbiers (1995: 7), cumpre apenas dizer que a sua análise para predicados advérbios também pode se acomodar à forma lógica davidsoniana.

Dados do Atkan Aleut fornecem evidências de que as análises para os adverbiais compatíveis com o LCA são superiores àquela que prevê adjunção à direita²¹. Nesta língua, os adverbiais são flexionados com morfologia tipicamente verbal. Considere os exemplos em (41) e (42), abaixo²²:

(41) Adang sagal hingamakux.

'pai_{1sg} dorme_{Konj} lá_{pres-3sg}' ('meu pai dorme/está dormindo lá')

(42) HlaX saGakuX.

'garoto_{3sg} dorme_{pres-3sg}' ('o garoto está dormindo')

O contraste entre os exemplos acima mostra que, quando presente, o adverbial carrega a flexão do verbo. Neste caso, devemos esperar que os adverbiais sejam alçados para INFL. A análise que prevê adjunção à direita teria de permitir um movimento irregular a fim de acomodar os dados em (41-42). Ou seja, os adverbiais teriam de se mover como núcleo para IP, partindo de uma posição adjunta. Por outro lado, o padrão em Atkan Aleut pode ser reduzido a um simples movimento de núcleo sob as análises compatíveis com o LCA²³.

Incorporação de P⁰ em Nadëb é uma área que recebe diferentes predições das duas hipóteses compatíveis com o LCA. Dados relacionados a esse fenômeno fornecem evidências que favorecem a análise da oração relativa reduzida de eventos sobre a de Barbiers. Nadëb é uma língua amazônica OSV, que permite que a preposição posposta de um adverbial PP seja incorporada ao verbo principal da sentença. Essa incorporação

²¹ Os exemplos em Atkan Aleut que Nilsen usa foram retirados de Bergsland & Dirks (1981).

²² O mesmo padrão é observado em *Malagasy* e em outras línguas nativas na Austrália.

acarreta que o objeto da posposição passa a ser o objeto da oração. Com isso, o objeto de P^0 vem a ocupar a primeira posição. Considere os exemplos que seguem abaixo²⁴:

- (43) a. Subih a-hing kad sii.
 'Subih FORM-foi.descer.o.rio tio com' ("Subih foi descer o rio com o tio")
- b. Kad Subih sii hing.
 'tio Subih com foi. descer.o.rio' ("Subih foi descer o rio com o tio ")

O único modo de Barbiers derivar a incorporação da preposição posposta de um PP adverbial ao verbo provém da possibilidade de a preposição posposta ser incorporada dentro do próprio especificador. Segundo Nilsen, seria difícil motivar um movimento tão inesperado²⁵. Esses dados apontam para a superioridade da hipótese de orações relativas reduzidas, dado que sob esta análise o padrão em (43) é obtido por um movimento de núcleo ordinário.

Nós vimos, acima, que os dados do Atkan Aleut favorecem as análises compatíveis com o LCA em detrimento da estrutura com adjunção à direita. Por outro lado, os exemplos sobre incorporação de P^0 em Nadëb servem para decidirmos entre uma das duas hipóteses que têm o VP como especificador de PPs adverbiais. A conclusão que devemos chegar a

²³ Na estrutura de Barbiers, o advérbio teria de ser extraído de uma ramificação à esquerda. Contudo, isso não deve constituir um problema para esta análise, dado que tal movimento parece ser permitido para os verbos, tal como foi visto na nota 18.

²⁴ Os dados relativos à incorporação de P^0 em Nadëb são retirados de Weir (1998).

²⁵ Na verdade, esses exemplos também desautorizam a versão que prediz que os adverbiais devem ser adjungidos à direita, desde que, sob esta estrutura, os adverbiais devem se incorporar ao verbo, partindo de uma posição adjungida ao VP. De acordo com Nilsen, este é um movimento improvável.

esse respeito é a de que as demais análises discutidas devem ser preteridas em favor da hipótese que analisa predicados adverbiais como orações relativas reduzidas de eventos²⁶.

2.2.6 Adjuntos relacionados ao objeto do verbo

Nilsen discute certos PPs que diferem dos adverbiais comuns, na medida em que parecem formar um constituinte com o objeto do verbo.

Primeiramente, o autor aponta para a diferença entre os dois tipos de locativo em (44), abaixo:

- (44) a. Brutus stabbed Caesar in the back.
 Brutus esfaqueou Cesar nas costas
- b. Brutus stabbed Caesar in the park.
 Brutus esfaqueou Cesar no parque

O PP *in the park*, acima, toma como argumento o evento como um todo, de tal modo que (44b) significa que houve um esfaqueamento e este esfaqueamento aconteceu no parque. Por outro lado, o PP *in the back* deve ser tratado como predicado do estado resultante do evento, ou, ao menos, como predicado de uma sub-parte do evento. Isso porque (44a) não pode significar que houve um esfaqueamento que aconteceu nas costas de Cesar. A sentença em (44a) deve significar que houve um evento que culminou com Cesar sendo esfaqueado nas costas ou cujo estado resultante foi Cesar sendo esfaqueado nas costas.

²⁶ Nilsen discute ainda dados relativos a partículas de foco e orações relativas "abandonadas"; isto é, separadas do núcleo relativo (Relative Clause Stranding).

Alternativamente podemos pensar que em (44a) há uma relação do tipo "parte-todo", ou posseção inalienável, entre o objeto direto e o complemento da preposição. O autor nota que podemos explicar facilmente essas propriedades de posseção inalienável assumindo que o possuidor e o possuído formam um constituinte. Um modo de fazer isso seria seguir a análise de Tenny (1994), segundo a qual o PP forma um constituinte com o objeto, de tal modo que a seqüência *Caesar in the back* serve para 'dimensionar' o evento.

Como foi visto acima, tudo indica que a contribuição semântica dos PPs em (44a) e em (44b) são muito diferentes. Nilsen assume essa diferença, e passa a denominar os PPs em (44a) como C-locativos²⁷.

Os dados em (45) mostram que o locativo ordinário, mas não o C-locativo, pode ser abandonado pelo VP que foi topicalizado:

- (45) a. Stakk Caesar i ryggen gjorde Brutus (i parken).
 Esfaquear Cesar em costas-as fez Brutus (no parque)
- b. *Stakk Caesar gjorde Brutus i ryggen.
 Esfaquear Cesar fez Brutus em costas-as

A agramaticalidade de (45b) indica que *stakk Caesar* não forma um constituinte excluindo *i ryggen*. Portanto, esse PP deve de fato formar um constituinte com o objeto do verbo.

Nilsen observa que predicados resultativos e outros predicados secundários também parecem formar um constituinte com o objeto do verbo. Considere os exemplos a seguir:

- (46) a. Malte låven rød gjorde jeg (ikke).

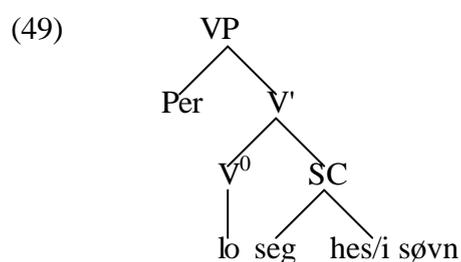
- pintar celeiro-o de vermelho fiz eu (não)
- b. *Malte låven gjorde jeg rød.
pintar celeiro-o fiz eu de vermelho
- (47) a. Møtte Per naken gjorde vi (ikke).
Encontrar Per nu fizemos nós (não)
- b. *Møtte Per gjorde vi naken.
encontrar Per fizemos nós nu-sg

Os predicados secundários nos exemplos acima não podem ser abandonados pelos VPs que foram topicalizados, o que é compatível com a idéia de que não há nenhum nódulo dominando o verbo e o objeto, excluindo o resultativo *rød* em (46) e o descritivo (depictive) *naken* em (47). Baseado no fato de que esses dois adjuntos parecem manter uma relação "predicado- sujeito" com o objeto do verbo, Nilsen assume que eles devem ser predicados *small-clauses* do objeto. Note que esta hipótese prediz que estes constituintes dependem da presença de um objeto. Neste caso, eles podem aparecer com verbos transitivos ou inacusativos, mas não com inergativos, uma predição correta. Por exemplo, em norueguês só é possível adicionar um predicado secundário a um verbo inergativo, se tornamos esse verbo reflexivo. Considere (48), abaixo:

- (48) a. Per lo *(seg) hes/i søv̄n.
Per riu REFL rouco/no sono
- b. Per lo seg *(hes/i søv̄n).

²⁷ Da expressão inglesa *Culmination-locatives*.

Enquanto a ausência do reflexivo restringe o uso do predicado secundário em (48a), a ausência de tal predicado proíbe o emprego de um reflexivo em (48b). Portanto, os exemplos acima mostram que o reflexivo *seg* deve ser adicionado a uma sentença como (48a) com o único fim de servir como argumento para o predicado secundário. Nilsen toma o padrão acima como uma evidência de que o VP correspondente a (48) deve se conformar à estrutura abaixo:



Os diretivos preferencialmente também requerem um reflexivo na posição de objeto de verbos inergativos, tal como é exemplificado em (50), abaixo. Os dados em (51), por sua vez, fornecem evidências sobre as relações de constituição estabelecidas no VP em questão:

- (50) a. Per snorket ?(seg) til universitetet.
 b. Per roncou REFL para universidade-a (Per roncou enquanto ía para a universidade)
- (51) a. Per snorker seg til jobben hver dag.
 Per ronca REFL para trabalho-o todo dia. (Per ronca enquanto vai para o trabalho todo dia)
 b. *Snorker (seg) gjør han (seg) til jobben.

roncar REFL fez ele para trabalho-o

A sentença em (50) é menos degradada que aquela em (48a). No entanto, (51) mostra que não é possível topicalizar o VP, deixando o diretivo para trás. Neste caso, nós podemos pensar que os diretivos em (50-51) também são predicados *small-clauses* do objeto.

Os exemplos que seguem em (52) mostram que, em uma sentença como (52a), na qual o diretivo parece formar um constituinte com o objeto do verbo, o instrumental deve seguir o diretivo:

- (52) a. Per snorket seg til jobben med tog.
 Per roncou REFL para trabalho-o com trem
- b. *Per snorket seg med tog til jobben.
 Per roncou REFL com trem para trabalho-o

Todavia, veremos na próxima seção que em outros contextos os diretivos tanto podem preceder como seguir os instrumentais. Nilsen vai assumir que o diretivo é um predicado *small-clause* do objeto, quando precede o instrumental, e um adjunto adverbial, quando o segue. O autor propõe que a ambigüidade estrutural dos diretivos deve ser correlacionada ao comportamento dos PPs dativos, que, segundo ele, também são ambíguos entre duas posições.

A estrutura geral do VP proposta por Larson (1988,1990) prediz que não há nenhum nóculo dominando o verbo e o objeto, excluindo o PP dativo. Porém, os exemplos abaixo mostram que o dativo pode ser abandonado na construção de topicalização do VP:

- (53) a. Sendte penger gjorde jeg til Jens.
 mandar dinheiro fiz eu pra Jens
- b. Sendte penger til Jens gjorde jeg (ikke).
 mandar dinheiro pra Jens fiz eu não

O padrão em (53) sugere que os PPs dativos não devem ocupar a posição mais baixa da estrutura larsoniana. Podemos comparar as possibilidades de ligação entre objetos duplos com aquelas estabelecidas entre um objeto e um dativo preposicional em (54-55), abaixo:

- (54) a. Jeg viste ham_i motstanderen sin_i .
 I showed him opponent-the REFL-POSS-3sg
 Eu lhe mostrei oponente-o REFL-POSS-3sg
- b. *Jeg viste motstanderen sin_i ham_i.
 I showed opponent-the REFL-POSS-3sg him
 Eu mostrei (para) oponente-o REFL-POSS-3sg ele
- (55) a. *Jeg viste ham_i til motstanderen sin_i.
 I showed boxers-the to REFL-POSS-3msg opponent-the
 Eu mostrei boxeador-o para REFL-POSS-3msg oponente-o
- b. *Jeg viste motstanderen sin_i til ham_i.
 Eu mostrei oponente-o REFL-POSS-3msg para boxeador-o

Os exemplos em (54) são compatíveis com a visão larsoniana, segundo a qual o objeto dativo c-comanda o objeto direto. Por outro lado, (55) mostra que nem o objeto vincula o PP dativo nem o dativo vincula o objeto. É possível observar em (54a) que o reflexivo não

é "orientado para o sujeito" em norueguês. Portanto, a agramaticalidade das sentenças em (55) deve ser atribuída ao fato de que o objeto não c-comanda o dativo preposicional. Os exemplos que seguem em (56), contudo, nos levam a resultados diferentes daqueles considerados em (55):

- (56) a. Jeg sendte ham_i til hjembyen sin_i.
eu o mandei para cidade-a REFL-POSS-3msg
- b. Jeg overlot ham_i til mora si_i.
eu o entreguei para mãe-a REFL-POSS-3fsg

Com estes verbos, o objeto direto pode vincular o PP dativo. Curiosamente, nestes casos, é possível substituir o reflexivo por um pronominal possessivo, tal como segue em (57):

- (57) a. Jeg sendte ham_i til hjembyen hans_i.
Eu o mandei para cidade-a sua
- b. Jeg overlot ham_i til mora hans_i.
Eu o entreguei para mãe-a sua

Tendo em vista que reflexivos e pronominais estão em distribuição complementar, os exemplos acima podem indicar que os dativos em (57) ocupam posições diferentes daquelas ocupadas pelos dativos em (56). Nilsen propõe explicar os padrões considerados em (54-57) dizendo que os dativos, bem como os diretivos, têm duas posições estruturais, uma dentro do VP, como predicado SC do objeto, e outra fora dele, como adjunto adverbial. Essas duas opções estruturais são representadas abaixo:

- (58) a. [XP [VP *overlate* NP₁] *til* NP₂]
 b. [VP *overlate* [XP NP₁ *til* NP₂]]

Assim, o autor explica o contraste entre os exemplos de (55) e (56), alegando que os PPs dativos são adjuntos adverbiais no primeiro caso e predicados SC do objeto no segundo. Os exemplos abaixo mostram que os dativos de (57), diferentemente dos dativos de (56), são adjuntos adverbiais. Considere as sentenças em (59a-b), que correspondem diretamente aos exemplos em (56b) e (57b):

- (59) a. *Overlot Per gjorde jeg til mora si.
 left Per did I to mother-the REFL-POSS-3fsg
 Entregar Per fiz eu para a própria mãe
- b. Overlot Per gjorde jeg til mora hans.
 left Per did I to mother-the his
 Entregar Per fiz eu para a sua mãe

O fato de o dativo poder ser abandonado pelo VP topicalizado em (59b) indica que o verbo e o objeto direto formam um constituinte que exclui o dativo, e o fato de o pronome poder ser vinculado a *Per* indica que o objeto não c-comanda o dativo nesta sentença. Em (59a) o

resultado é exatamente o inverso. Nilsen assume, então, que (59a) e (59b) correspondem às estruturas (58a-b), respectivamente.^{28, 29}

Vimos até o momento quatro tipos de adjuntos relacionados ao objeto do verbo: predicados secundários³⁰, diretivos, dativos preposicionais e C-locativos. Os predicados secundários se conformam a estrutura em (58b). Os diretivos e os dativos preposicionais podem ocupar duas posições estruturais, uma das quais é a de predicado SC do objeto, e os exemplos em (45), acima, parecem mostrar que os C-locativos também formam um constituinte com o objeto do verbo.

Voltaremos a ver esses PPs na próxima seção, que trata da ordenação relativa dos circunstanciais. Depois disso, Nilsen não volta a discutir o assunto alegando que a complexidade sintática dos PPs relacionados ao objeto do verbo merece uma tese à parte.

2.2.7 A ordenação relativa dos circunstanciais

Nilsen usa dados sobre topicalização do VP e *frame-fronting* para testar a ordenação dos PPs. Nós vimos acima que há uma ordenação subjacente entre adverbiais temporais e adverbiais locativos. Os exemplos abaixo, por sua vez, servem para revelar qual a ordem relativa dos locativos e dos C-locativos. Considere (60):

(60) a. Brutus stakk Caesar i ryggen i parken.

²⁸ Stroik (1996), usando testes sobre escopo, conclui que os dativos preposicionais nunca são c-comandados pelo objeto. Nilsen considera essa conclusão muito forte, adotando apenas que os PPs dativos nem sempre são c-comandados pelo objeto, podendo ocupar uma posição fora do VP.

²⁹ Nilsen reconhece que uma teoria sobre a ambigüidade estrutural destes constituintes deve ser construída de modo a explicar como a criança aprende a distinguir os dois tipos de construções envolvendo os PPs dativos.

³⁰ Resultativos, descritivos etc.

Brutus esfaqueou Cesar nas costas no parque

- b. *Brutus stakk Caesar i parken i ryggen.

Brutus esfaqueou Cesar no parque nas costas

É possível ver nos exemplos acima que o C-locativo deve preceder o locativo comum, já que a subversão dessa ordem torna (60b) agramatical. Isso é compatível com o fato de que predicados SCs do objeto devem ser gerados mais "próximos" ao VP.

Os exemplos em (61) mostram que os instrumentais precedem os locativos reais, e seguem os C-locativos:

- (61) a. *[Skjøt Per] gjorde hun i ryggen med hagle på hytta i påsken.
 balear Per fez ela nas costas com uma espingarda na cabana na páscoa
- b. [Skjøt Per i ryggen] gjorde hun med hagle på hytta i påsken.
 balear Per nas costas fez ela com uma espingarda na cabana na páscoa
- c. [Skjøt Per i ryggen med hagle] gjorde hun på hytta i påsken.
 balear Per nas costas com uma espingarda fez ela na cabana na páscoa
- d. [Skjøt Per i ryggen med hagle på hytta] gjorde hun i påsken.
 balear Per nas costas com uma espingarda na cabana fez ela na páscoa
- e. [Skjøt Per i ryggen med hagle på hytta i påsken] gjorde hun (ikke).
 balear Per nas costas com uma espingarda na cabana na páscoa fez ela (não)
- f. *[Skjøt Per på hytta (i påsken)] gjorde hun med hagle.
 balear Per na cabana na páscoa fez ela com uma espingarda
- g. *[Skjøt Per med hagle i påsken] gjorde hun på hytta.
 balear Per com uma espingarda na páscoa fez ela na cabana

O C-locativo é o único PP em (61) que não pode ser abandonado pelo VP topicalizado. Isso significa que ele deve ser gerado mais "próximo" ao VP que os instrumentais. O padrão em (61) mostra que é impossível topicalizar o locativo e/ou o temporal, deixando o instrumental para trás. Portanto, os locativos comuns devem ser estruturalmente superiores aos instrumentais. Os dados abaixo fornecem mais evidências de que os instrumentais devem preceder os locativos. Examine os exemplos em (62-63):

- (62) a. Hun skjøt Per med hagle på hytta.
 ela baleou Per com espingarda em cabana-a
- b. ?Hun skjøt Per på hytta med hagle.
- (63) a. ...at hun på hytta skjøt ham mede hagle.
 ...que ela em cabana-a baleou Per com espingarda
- b. *...at hun mede hagle skjøt ham på hytta.
 ...que ela com espingarda baleou Per em cabana-a

Em (62) vemos que os instrumentais devem preceder os locativos. A ordem em (62b) é derivada somente quando o instrumental é focalizado. Dado que *frame-fronting* obedece à condição de superioridade, (63) deve indicar que locativos são estruturalmente superiores a instrumentais.

Até o momento, chegamos à ordenação em (64), que é estruturalmente representada em (65), abaixo:

- (64) <INST, LOC, TEMP>

(65) [[[[V⁰ Obj PP_{C-LOC}] PP_{INST}] PP_{LOC}] P_{TEMP}]

PPs locativos devem seguir adverbiais tais como *em/por uma hora*, que têm sido usados para testar se um predicado é télico ou não. Isto é, adverbiais do tipo *em X tempo* só podem ocorrer com "predicados terminativos"³¹ como os de (66a), e adverbiais do tipo *por X tempo* devem ocorrer com predicados "não-terminativos", ou durativos, como os de (66b), abaixo:

- (66) a. John ate a sandwich [in/*for] ten seconds.
 John comeu um sanduíche [em/*por] dez segundos
- b. John ate sandwiches [for/*in] ten seconds.
 John comeu sanduíches [por /* em] dez segundos

A distribuição complementar dos PPs terminativos e durativos em (66) não quer dizer que eles não podem co-ocorrer em outros contextos. As sentenças em (67) indicam que a ordem <PP-for, PP-in> não deve ser possível se os PPs modificam a mesma eventualidade. Acompanhe os exemplos abaixo:

- (67) a. Bill finished bottles of ginger ale in five seconds for an entire hour.
 Bill esvaziou garrafas de cerveja em cinco segundos durante uma hora inteira
- b. *Bill finished bottles of ginger ale for an entire hour in five seconds.

³¹Ver Verkuyl (1993).

Nilsen observa que os dois tipos de adverbiais parecem modificar eventos distintos em sentenças como (68), abaixo:

- (68) Bill could balance on the rope for five minutes in ten days.
 Bill poderia se equilibrar na corda por cinco minutos em dez dias

O autor aponta que a única interpretação possível para (68) é a de que Bill levaria dez dias para adquirir a habilidade necessária para se equilibrar na corda por cinco minutos. Neste caso, *por cinco minutos* modifica o evento 'equilibrar' e *em dez dias* modifica o evento 'adquirir capacidade'. O autor observa que não deve ser possível gerar o PP terminativo do "lado de fora" do PP durativo, quando eles modificam o mesmo evento. Portanto, a ordem relativa deles deve ser <PP_{term}, PP_{dur}>.

Os dados em (69-70) determinam a ordem entre locativos e adverbiais terminativos, tal como segue abaixo:

- (69) a. Han slo Per i sjakk på fem minutter i Oslo.
 ele derrotou Per no xadrez em cinco minutos em Oslo
- b. Slo Per i sjakk på fem minutter gjorde han i Oslo.
 derrotar Per no xadrez em cinco minutos fez ele em Oslo
- c. *Slo Per i sjakk i Oslo gjorde han på fem minutter.
- (70) a. ...at han i Oslo slo Per i sjakk på fem minutter.
 ...que ele em Oslo derrotou Per i no xadrez em cinco minutos
- b. *...at han på fem minutter slo Per i sjakk i Oslo.

Em (69c) o VP com o locativo não pode ser topicalizado, se houver um terminativo na sentença, e em (70b) o terminativo não pode sofrer *frame-fronting*. Estes exemplos indicam que o locativo deve ser gerado em uma posição mais alta que o terminativo.

Os exemplos que seguem em (71) demonstram que também não deve ser possível topicalizar o VP com o locativo, deixando o durativo para trás:

- (71) a. Han spilte sjakk i tre timer i Oslo.
 Ele jogou xadrez por três horas em Oslo
- b. Spilte sjakk i tre timer gjorde han i Oslo.
 jogar xadrez por três horas fez ele em Oslo
- c. ??Spilte sjakk i Oslo gjorde han i tre timer.

De acordo com o padrão acima, os PPs durativos são gerados "mais próximos" ao verbo do que os locativos. A ordem a que chegamos, então, é $\langle PP_{term}, PP_{dur}, PP_{loc} \rangle$.

A ordenação relativa dos instrumentais e dos PPs-*em/por* é indicada em (72-75). A alternativa c, abaixo de cada par de exemplos, apresenta o resultado obtido pela análise dos padrões:

- (72) a. Slo eselet med en stokk gjorde han i en time.
 bateu em burro-o com um pau fez ele por uma hora
- b. ??Slo eselet i en time gjorde han med en stokk.
- c. $\langle PP_{inst}, PP_{dur} \rangle$

- (73) a. ...at han i en time slo eselet med en stokk.
 ...que ele por uma hora bateu em burro-o com uma vara
- b. * ...at han med en stokk slo eselet i en time.
- c. <PP_{inst}, PP_{dur}>
- (74) a. Slo hull i isen med hammer gjorde han på to sekunder.
 cavou buraco em gelo-o com martelo fez ele em dois segundos
- b. ??Slo hull i isen på to sekunder gjorde han med hammer.
- c. <PP_{inst}, PP_{term}>
- (75) a. ...at han på to sekunder slo hull i isen med hammer.
 ...que ele em dois segundos cavou buraco em gelo-o com martelo
- b. ??...at han med hammer slo hull i isen på to sekunder.
- c. <PP_{inst}, PP_{term}>

Os exemplos em (72-75) nos levam a seguinte ordenação: <PP_{inst}, PP_{term}, PP_{dur}>.

Nilsen usa o termo 'habituais' para se referir aos adverbiais *NPs nus*, tais como *todo dia*. Ele adota a proposta de Bresnan & Grimshaw (1978), segundo a qual adverbiais desse tipo são PPs com preposições apagadas. Abaixo veremos que os habituais devem se posicionar entre os locativos e os temporais. Considere os exemplos em (76-77):

- (76) a. Møter Per i parken gjør jeg hver dag.
 encontrar Per no parque fez ele todo dia
- b. *Møter Per hver dag gjør jeg i parken.
- (77) a. Gikk til jobben hver dag gjorde han ifjor.
 caminhou para trabalho-o todo dia fez ele no último ano

- b. *Gikk til jobben ifjor gjorde han hver dag.

Os exemplos que consideramos até aqui apontam para a ordem <PP_{C-loc}, PP_{inst}, PP_{term}, PP_{dur}, PP_{loc}, PP_{habit}, PP_{temp}>.

Como foi sugerido anteriormente, os diretivos podem tanto preceder como seguir os instrumentais. Nós podemos conferir isso nos dados apresentados em (78-79):

- (78) a. Reiste med fly gjorde han til Oslo.
foi com avião fez ele para Oslo
- b. Reiste til Oslo gjorde han med fly.
foi para Oslo fez ele com avião
- (79) a. ...at han til Oslo kjørte med den gamle bilen.
...que ele para Oslo dirigiu com o velho carro-o
- b. ...at han med den gamle bilen kjørte til Oslo.
...que ele com o velho carro-o dirigiu para Oslo

Os próximos exemplos servem para definir a ordem dos diretivos em relação aos PPs terminativos e durativos. Acompanhe os dados em (80-81), abaixo:

- (80) a. Sprang til jobben gjorde han på to minutter.
correu para trabalho-o fez ele em dois minutos
- b. *Sprang på to minutter gjorde han til jobben.
- (81) a. Kjørte mot Bergen gjorde han i tre timer.
dirigiu em direção a Bergen fez ele por três horas

- b. *Kjørte i tre timer gjorde han mot Bergen.

Os fatos acima sugerem que diretivos devem preceder adverbiais terminativos e durativos.

A ordenação resultante é <PP_{C-loc/dir}, PP_{inst}, PP_{dir}, PP_{term}, PP_{dur}, PP_{loc}, PP_{habit}, PP_{temp}>.

O padrão em (82) mostra que os resultativos não podem ocorrer com C-locativos, e (83-84) indicam que os diretivos não podem ocorrer com resultativos e C-locativos:

- (82) a. Brutus stakk Caesar til døde.
Brutus esfaqueou Cesar para morte
- b. *Brutus stabbed Caesar til døde i ryggen/ i ryggen til døde.
Brutus esfaqueou Cesar para morte nas costas
- (83) a. Per kjørte bilen i stykker.
Per dirigiu carro-o em pedaços
- b. *Per kjørte bilen til Oslo i stykker/ i stykker til Oslo.
Per dirigiu carro-o em pedaços para Oslo
- (84) a. Jeg dyttet Per i ryggen.
Eu empurrei Per nas costas
- b. Jeg dyttet Per mot veggen.
Eu empurrei Per em direção parede-a
- c. *Jeg dyttet Per i ryggen mot veggen/ mot veggen i ryggen
Eu empurrei Per nas costas em direção parede-a

Nós podemos pensar que os C-locativos e os resultativos não podem ser usados ao mesmo tempo em (82), porque estariam competindo pela mesma posição. Todavia, não é possível

dizer o mesmo sobre a impossibilidade dos PPs de co-ocorrerem em (83-84), visto que os diretivos teriam duas posições disponíveis. Nilsen sugere, então, que a restrição que pesa sobre (83b) e (84c) deve ser de caráter semântico. Baseado em Tenny (1994), o autor explica que o emprego concomitante de diretivos e resultativos acarretaria muitos pontos finais para o evento. A sentença em (85), abaixo, mostra que nem todos os predicados secundários são bloqueados pela presença de um diretivo:

(85) Jeg sendte avisa søkkvåt til Per.

Eu mandei jornal-o molhado para Per

O predicado secundário descritivo pode ocorrer com o diretivo, porque ele, ao contrário do resultativo, não acrescenta um ponto final ao evento. Além disso, os dados em (86) mostram que, em tcheco, é possível expressar *esfaquear para morte* acrescentando um prefixo perfectivo ao verbo. Neste caso, nós podemos adicionar um resultativo, mas não um C-locativo, tal como segue abaixo:

(86) a. Brutus bodl Cézara do zad.

'Brutus.NOM esfaqueou Cesar-ACC nas costas-GEN'

b. Brutus ubodal Cézara (k smrti).

'Brutus.NOM PERF-esfaqueou Cesar-ACC para morte-GEN'

c. *Brutus ubodal Cézara (k smrti) do zad (k smrti).

Em (86) é o prefixo télico que restringe o uso do C-locativo. O padrão acima pode ser usado para indicar que a restrição sobre a co-ocorrência de dois adverbiais pode ser de caráter semântico ao invés de estrutural.

Os próximos exemplos mostram que os resultativos devem preceder os instrumentais e locativos. Considere os dados em (87):

- (87) a. *Brutus stakk Caesar med kniv til døde i parken.
 Brutus esfaqueou Cesar com uma faca para morte no parque
- b. *Brutus stakk Caesar med kniv i parken til døde.

Finalmente, os dados em (88), abaixo, servem para definir a ordenação relativa dos dativos preposicionais e PPs diretivos:

- (88) a. Sendte penger med posten gjorde han til Per.
 mandar dinheiro com mala-a fiz eu para Per
- b. Sendte penger til Per gjorde han med posten.

Os exemplos em (88) revelam que os dativos preposicionais, tal como os diretivos, podem tanto seguir como preceder os instrumentais. Isso aconteceria, porque esses PPs poderiam residir fora do VP, como adjunto adverbial, ou dentro dele, como SC do objeto do verbo. Concluindo, os exemplos vistos até aqui apontam para a estrutura do VP indicada em (89):

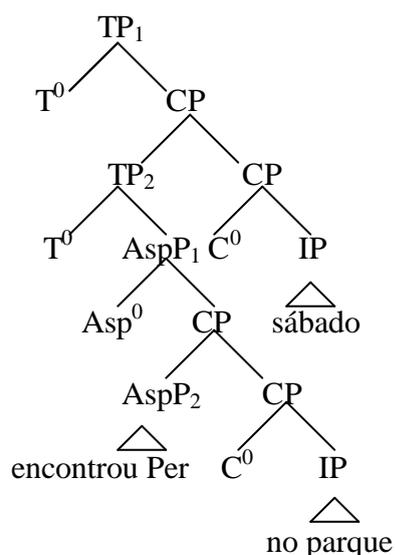
- (89) [[[[[[[[[[DP_{OI} [V⁰ DP_{OD} PP<sub>dir/dat/resultat/descrit/PP_{C-loc}] PP_{inst}] PP_{dir/dat}] PP_{term}] PP_{dur}]
 PP_{loc}] DP_{habit}] PP_{temp}]</sub>

2.2.8 Derivando a ordenação dos PPs

Vimos argumentos que indicam que os advérbios circunstanciais respeitam uma ordem relativa. Falta dizer, contudo, como essa ordenação é derivada. Nilsen explica a ordem dos PPs dizendo que advérbios diferentes são associados a projeções funcionais distintas. Neste caso, PPs temporais devem ser orações relativas de TPs, circunstanciais aspectuais devem ser orações relativas de AspPs, e assim por diante. Então, uma sentença como (90) deve se conformar à estrutura em (91), abaixo:

(90) João encontrou Pedro no parque sábado.

(91)



Foi visto anteriormente que sentenças com mais de um advérbio devem ser analisadas como o "empilhamento" de orações relativas. Essas orações relativas não poderiam ser "empilhadas" em qualquer ordem, pois estariam estruturalmente condicionadas à hierarquia das projeções funcionais.

2.2.8.1 Os temporais

Segundo Cinque, Nilsen adota a abordagem de tempo proposta por Vikner (1985). Essa abordagem substitui a relação ternária reichenbachiana entre E(vento), R(eferência) e momento da fala (S(peach time)) por três relações binárias, estritamente orientadas, entre referência₁, referência₂, evento e tempo da fala. Segundo Vikner, o conjunto de tempos previstos pelo sistema de Reichenbach não se ajusta ao conjunto de tempos observados nas línguas naturais. No quadro, abaixo, adaptado de Cinque (1999), Nilsen apresenta o conjunto de representações temporais previsto pelo sistema de Reichenbach³²:

(92)	Nomenclatura de Reichenbach	Nomenclatura tradicional	Representações	Exemplos
1)	presente simples	presente	E,R,S	<i>works</i>
2)	passado simples	passado	E,R,S	<i>worked</i>
3)	presente anterior	presente perfeito	E,R,S	<i>has worked</i>
4)	futuro simples	futuro	S,R,E	<i>will work</i>
5)	presente posterior	futuro	S,R,E	<i>will work</i>
6)	passado anterior	passado perfeito	E,R,S	<i>had worked</i>
7)	futuro posterior	---	S,R,E	<i>will be going to work</i>
8)	passado posterior	futuro do passado	R,E,S	" "
			R,S,E	" "
			E,S,R	" " "
9)	futuro anterior	futuro perfeito	E,S,R	<i>will have worked</i>
			E,S,R	" " "
			S,E,R	" " "

³² Neste quadro, "X_Y" significa X precede Y, e "X,Y" significa X coincide com Y.

Como é possível observar em (92), o sistema de Reichenbach prevê mais de uma representação para as formas temporais *will work*, *would work* e *will have worked*. No entanto, parece haver apenas uma realização morfológica para cada um desses tempos futuros nas línguas do mundo.

Além do mais, nenhuma relação parece ser especificada entre o evento e o momento da fala no futuro perfeito, por exemplo, tal como podemos conferir em (93) abaixo:

(93) He will have written his essay by Monday.

Ele vai ter escrito seu artigo pela segunda

A sentença em (93) é verdadeira se o artigo foi concluído antes, depois ou no exato momento de S. Então, parece que o sistema de Reichenbach é mais explícito que as línguas naturais, já que a relação entre E e S em (93) parece ser "não especificada" ao invés de "triplamente" ambígua. Fatos como esse sugerem que precisamos assumir um sistema em que S e E não se relacionem diretamente. Realmente existe uma alternativa na literatura (cf. Comrie 1981; Vikner 1985; Giorgi & Pianesi 1996) que propõe duas relações binárias independentes, uma relacionando o tempo da fala ao tempo referência e a outra relacionando o tempo referência ao tempo evento. Vikner (1985) argumenta, no entanto, que devemos introduzir um outro tempo referência no sistema temporal, se quisermos prever o futuro perfeito do passado em inglês (*He would have worked*). Ele propõe, então, um sistema baseado em três relações binárias entre quatro pontos temporais. Neste caso, E

precede ou coincide com R_2 , R_1 precede ou coincide com R_2 , e R_1 precede ou coincide com S . Este sistema prediz oito tempos, tal como segue em (94):

(94)	Representação	Nome	Exemplos
i.	$R_1, S; R_1, R_2; E, R_2$	presente	<i>works</i>
ii.	$R_1, S; R_1-R_2; E, R_2$	futuro	<i>will work</i>
iii.	$R_1-S; R_1, R_2; E, R_2$	passado	<i>worked</i>
iv.	$R_1, S; R_1, R_2; E-R_2$	anterior	<i>has worked</i>
v.	$R_1-S; R_1, R_2; E-R_2$	anterior do passado	<i>had worked</i>
vi.	$R_1-S; R_1-R_2; E, R_2$	futuro do passado	<i>would worked</i>
vii.	$R_1, S; R_1-R_2; E-R_2$	anterior do futuro	<i>will have worked</i>
viii.	$R_1-S; R_1-R_2; E-R_2$	anterior do futuro do passado	<i>would have worked</i>

Cinque aponta que as relações nas representações de valor marcado (isto é, não coincidentes) no sistema de Vikner correspondem diretamente aos morfemas *-ed*, *will*, e *-ed/en* em inglês. Baseado em Giorgi e Pianesi (1996), ele argumenta que cada uma das três relações binárias deve ser associada a um núcleo funcional T^0 . Cinque denomina o núcleo associado com a relação R_1-S de $T(\text{Passado})$, o núcleo associado com R_1-R_2 de $T(\text{Futuro})$, e o núcleo associado com a relação $E-R_2$ de $T(\text{Anterior})$. Nilsen, por sua vez, sugere que é possível pensar que T_1 , T_2 e T_3 correspondem a R_1 , R_2 , e E , respectivamente. Esses núcleos entram em uma relação de c-comando, tal como segue em (95):

(95) [... $T_1(\text{Passado})$... $T_2(\text{Futuro})$... $T_3(\text{Anterior})$... V]]

Nilsen amplia a proposta de Cinque, sugerindo que T_1 , T_2 e T_3 são elementos pronominais, que comportam índices referenciais. Ele defende que é possível estabelecer as relações temporais entre os pontos de referência através de indexação. O tempo da fala não precisaria ser representado gramaticalmente, porque ele é sempre determinado pelo contexto. T_1 seria ligado ao discurso na representação não marcada, ou seja, quando coincide com o tempo da fala. Neste caso, T_i toma o índice i , que corresponde a S . Por outro lado, se a representação é marcada, T_1 toma um índice referencial diferente. Se ambos T_2 e T_3 são co-indexados com T_1 , nós temos como resultado o presente simples ou o passado simples. Quando T_3 e T_2 compartilham um índice diferente do índice de T_1 , nós derivamos o futuro. Se T_2 e T_3 possuem índices distintos, o resultado é um tempo anterior.

A representação de Nilsen para o sistema temporal de Vikner segue no quadro abaixo, em que os números sobrescritos correspondem aos números subscritos em (95):

(96)	representação	nome
i.	[...[T_i^1 ...[T_i^2 ...[T_i^3 ...V]]]	presente simples
ii.	[...[T_j^1 ...[T_j^2 ...[T_j^3 ...V]]]	passado simples
iii.	[...[T_i^1 ...[T_j^2 ...[T_j^3 ...V]]]	futuro simples
iv.	[...[T_i^1 ...[T_i^2 ...[T_j^3 ...V]]]	anterior
v.	[...[T_j^1 ...[T_j^2 ...[T_k^3 ...V]]]	anterior do passado
vi.	[...[T_j^1 ...[T_k^2 ...[T_k^3 ...V]]]	futuro do passado
vii.	[...[T_i^1 ...[T_j^2 ...[T_k^3 ...V]]]	anterior do futuro
viii.	[...[T_j^1 ...[T_k^2 ...[T_m^3 ...V]]]	anterior do futuro do passado

De acordo com a versão de Nilsen, a relação entre os pontos temporais se dá através da vinculação vs. não vinculação sob localidade. Neste caso, T_1 não pode vincular diretamente T_3 por sobre T_2 , visto que T_2 é um vinculador potencial mais próximo de T_1 . Os morfemas *-ed*, *will* e *ed/en* vão representar os índices não vinculados na análise de Nilsen, visto que eles constituem a relação marcada dos núcleos de Cinque. Neste caso, é possível analisar esses três morfemas como elementos pronominais sujeitos ao princípio B da teoria da ligação. Por outro lado, as realizações foneticamente vazias do núcleo T, no caso da representação não marcada, podem ser vistas como anáforas, governadas pelo princípio A.

Devemos poder definir ainda se um núcleo precede ou segue temporalmente o seu vinculador potencial, nos casos em que eles não são co-indexados. Segundo Nilsen, a relação temporal, nestes casos, é estabelecida a partir dos traços composicionais dos próprios núcleos. Podemos ver, abaixo, como as relações temporais se estabelecem em (95vi). A relação temporal de T_1 em (96vi) é definida de acordo com o fato de que *i*) T_1 representa a relação R_1 -S, de tal modo que R_1 ou precede ou coincide com S; *ii*) o índice *i* corresponde a S; e *iii*) o índice de T_1 é diferente de *i*. Logo, T_1 precede temporalmente S, dado que T_1 não coincide com S. Para definir a relação temporal de T_2 , nós devemos levar em conta que *i*) T_2 representa a relação R_1 - R_2 , de tal modo que R_1 ou precede ou coincide com R_2 ; *ii*) T_1 e T_2 podem ser vistos como manifestações diretas de R_1 e R_2 , respectivamente; e *iii*) T_2 porta um índice diferente de T_1 . Portanto, o núcleo T_1 precede temporalmente o núcleo T_2 . Finalmente, T_3 coincide temporalmente com T_2 , já que eles portam o mesmo índice.

Adverbiais temporais como *sexta-feira* têm sido analisados por Davidson (1967) e Parsons (1990) como predicados de variáveis de evento subjacentes. Contudo, nós podemos ver em (97), abaixo, que esses adverbiais também podem ser predicados de uma das referências do evento:

- (97) a. John had left on Friday.
 John tem saído sexta-feira
- b. $\acute{Y}e[\text{leave}(\text{John}, e) \ \& \ \text{on}(e, \text{Friday}) \ \& \ R_1_S; R_1, R_2; e_R_2]$
- c. $\acute{Y}e[\text{leave}(\text{John}, e) \ \& \ \text{on}(R_{1/2}, \text{Friday}) \ \& \ R_1_S; R_1, R_2; e_R_2]$

A sentença (97a) permite duas interpretações. Em (97b), o evento 'sair' ocorre na sexta-feira, enquanto, em (97c), o evento acontece antes de sexta-feira. A segunda leitura parece requerer que *sexta-feira* seja predicado de, ao menos, uma das referências do evento ao invés do próprio evento. Não é possível discriminar qual referência tem o adverbial como predicado em (97c), dado que R_1 e R_2 coincidem. Os exemplos em (98), abaixo, mostram que é possível ter dois adverbiais temporais em uma mesma sentença, um como predicado do evento e outro como predicado de R_1 ou R_2 :

- (98) De hadde kjøpt alle julegavene i begynnelsen av oktober forrige julaften.
 Eles têm comprado todos presentes de natal em começo-o de outubro natal passado

Nilsen propõe que o adverbial *forrige julaften*, em (98), é uma oração relativa reduzida de T(futuro) ou T(passado), enquanto *i begynnelsen av oktober* é uma oração relativa reduzida de T(anterior). Neste caso, não deve ser possível inverter a ordem dos dois temporais em

(98), visto que T(past) é estruturalmente mais baixo que os outros dois núcleos T. Os exemplos abaixo parecem confirmar essa predição:

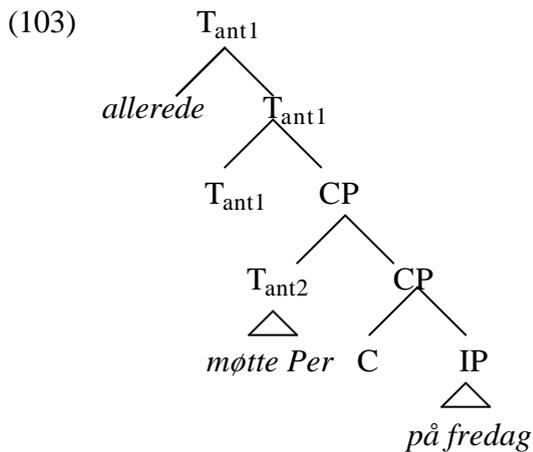
- (99) a. ??De hadde kjøpt alle julegavene forrige julaften i begynnelsen av oktober.
Eles compraram todos presentes de natal no último natal em começo-o de outubro
- b. *Alle julegavene hadde de kjøpt forrige julaften i begynnelsen av oktober.
todos os presentes de natal eles compraram no último natal em começo-o de outubro

A inversão da ordem dos adverbiais em (99a) torna a sentença anômala. Nilsen argumenta que a sentença (99a) não é completamente agramatical, porque a seqüência *todos os presentes de natal no último natal* pode formar um constituinte; se eliminamos essa possibilidade topicalizando o VP, como em (99b), a sentença torna-se agramatical.

2.2.8.2 A posição estrutural dos diferentes PPs adverbiais

Segundo Nilsen, os adverbiais em (100) são ordenados de acordo com a hierarquia das projeções funcionais de Cinque, ilustrada em (101), abaixo:

- (100) [[[[[[[[[[[[DP_{OI} [V⁰ DP_{OD} PP_{dir/dat/resut/descrit}/PP_{Cloc}] PP_{instr}] PP_{dir/dat}] PP_{tel}] PP_{dur}]



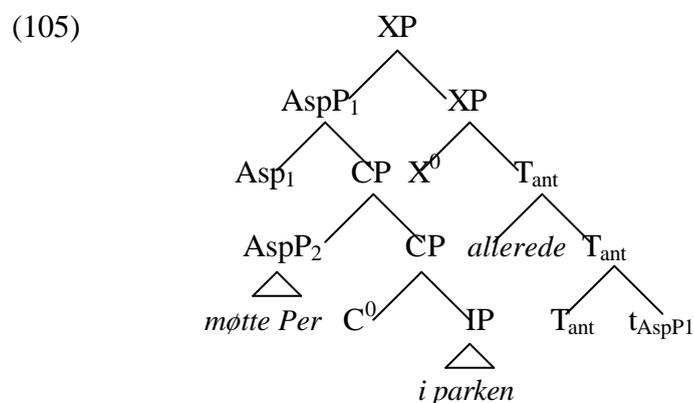
Os exemplos abaixo mostram que os advérbios sentenciais sofrem restrições quando seguem o VP. A estrutura em (103) pode explicar o padrão em (104), que, de outro modo, permaneceria misterioso. Considere os dados abaixo:

- (104) a. ...at han har møtt Per i parken ALLEREDE.
 ...that he has met Per in park-the already
 ...que ele encontrou Per no parque já
- b. *...at han har møtt Per på fredag ALLEREDE.
 ...that he has met Per on Friday already
 ...que ele encontrou Per sexta-feira já
- c. *...at han har møtt Per på fredag ALLTID/NETTOPP/NESTEN/TIDLIG.

...that he has met Per on Friday always/just/almost/early

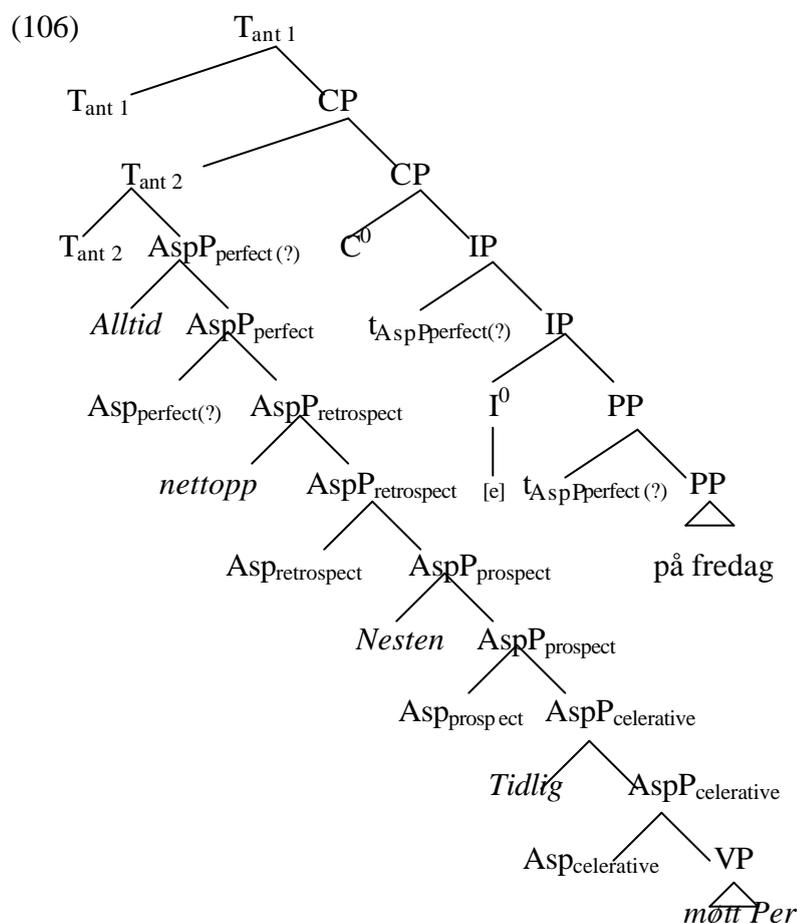
...que ele encontrou Per sexta-feira sempre/só/quase/cedo

Segundo Cinque (1999), a posição pós-VP dos advérbios sentenciais é derivada quando o VP, ou alguma projeção funcional que o contém, é movido entre os advérbios. Esse tipo de movimento atribui uma leitura focalizada aos advérbios que (a projeção funcional contendo) o VP cruza. Conforme foi discutido acima, os PPs locativos parecem ser estruturalmente mais baixos do que os PPs temporais. Neste caso, eles devem ser gerados "do lado de dentro" de $T_{anterior}$. Isso significa que (104a) deve ser derivada pelo movimento de alguma projeção funcional contendo o VP e o locativo para a esquerda de *allerede*. Então, a estrutura para (104a) deve ser tal como segue em (105):



O exemplo em (104b) é agramatical, pois, como podemos conferir em (103), não há nenhum constituinte movível que contenha o VP e o temporal, e exclua o advérbio sentencial. A única categoria contendo o VP e *på fredag* é $T_{anterior}$, que também contém

allerede.³³ O exemplo em (104c) mostra que advérbios sentenciais mais baixos que *allerede* não podem seguir o VP modificado pelo temporal. Isso acontece, porque não há nenhum constituinte movível contendo o VP e *på fredag*, que exclua os sentenciais mais baixos que *allerede*, tal como podemos conferir em (106), abaixo:



Ao que tudo indica, a análise de que os temporais são orações relativas reduzidas associadas a T_{anterior} explica o contraste em (104), um tipo de contraste que pode ser usado

³³ Isso se nós garantirmos que o CP da oração relativa reduzida não é relevante para este tipo de movimento.

de aqui em diante como teste para estabelecer a exata posição estrutural dos demais advérbiais. A conclusão a que chegamos a partir do padrão em (104) é a de que um advérbio sentencial pode seguir o VP modificado por um PP advérbial, contanto que este advérbio seja estruturalmente superior à projeção funcional com a qual o circunstancial está associado. Então, a agramaticalidade dos sentenciais na posição final se explica ou porque o advérbio sentencial é mais baixo ou porque ele coincide com a projeção funcional do circunstancial. Como podemos perceber em (106) os circunstanciais, diferentemente dos advérbios sentenciais, refletem a ordem das projeções funcionais de forma invertida, como se fosse a imagem de um espelho.

Os exemplos abaixo servem para determinar a posição estrutural dos PPs terminativos:

- (107) a. Han klarer det på en time STRAKS.
 he will.manage it in an hour shortly
 ele vai administrar isso em uma hora brevemente
- b. Han klarte det på en time NESTEN.
 he managed it in an hour almost
 ele administrou isso em uma hora quase
- c. *Han klarte det på en time HELT/FULLSTENDIG.
 he managed it in an hour completely/totally
 ele administrou isso em uma hora completamente
- d. *Han klarte det på en time RASKT.
 he managed it in an hour quickly
 ele administrou isso em uma hora rapidamente

A gramaticalidade de (107b) indica que a projeção funcional cujo especificador é *nesten*, $AspP_{prosecutive}$, é estruturalmente superior à projeção funcional com a qual *på en time* é associado. Por outro lado, a agramaticalidade de (107c) quer dizer que $Asp_{SgCompletive}$, que tem *helt/fullstendig* como especificador, não é mais alta que a projeção funcional com a qual o circunstancial está associado. Como $Asp_{SgCompletive}$ é a projeção funcional imediatamente inferior a $AspP_{prosecutive}$, conclui-se que o circunstancial *på en time* e o advérbio *helt* são associados à mesma projeção funcional. Então, os PPs terminativos devem ser analisados como orações relativas reduzidas, cujo núcleo mais alto é $Asp_{SgCompletive}$.

O sentencial *raskt* é um advérbio que, como *tidlig*, pode ocupar duas posições estruturais. De acordo com a hierarquia de Cinque, ele pode ser especificador de $Asp_{celerative(I)}$ e $Asp_{celerative(II)}$. Neste caso, devemos explicar por que o $Asp_{celerative}$ mais alto não pode seguir o VP e o terminativo. A resposta para esta questão tem a ver com o fato de que o tipo de movimento que dá origem à leitura focalizada dos sentenciais na posição final não pode passar pela posição da negação sentencial em norueguês, que é diretamente subordinada a $Asp_{celerative(I)}$.

Nilsen chama a atenção para a correspondência semântica entre os terminativos e a projeção funcional que Cinque denomina como $Asp_{SgCompletive}$, dizendo que "*Completive aspect affects the extent to which the event completes (the set of) thing(s) denoted by the internal argument. PPs like in an hour restricts the amount of time such completion takes. Thus, if John read all the books, he completed the set of books. If he reads them in an hour, then that's how long this completion took him.*"

PPs como *em uma hora* também têm uma leitura aproximativa. Os exemplos que seguem em (108) indicam que, nestes casos, esses PP são associados a $Asp_{proximative}$:

- (108) a. ...at du ikke skal møte ham om to timer LENGER.
 ...that you not shall meet him in two hours any.longer
 ...que você não o encontrará em duas horas mais
- b. Jeg skulle møte ham om to timer NETTOPP (...men så avlyste han).
 ..I should meet him in two hours just (but then cancelled he)
 Eu deveria encontrá-lo em duas horas só (mas então ele cancelou)
- c. *Jeg skulle/skal møte ham om to timer STRAKS.
 I should/shall meet him in two hours shortly
 Eu o encontrarei em duas horas em breve
- d. *Per skal informere dem om to timer KORT.
 Per shall inform them in two hours briefly
 Per os informará em duas horas brevemente

Nettopp é o advérbio mais baixo que pode seguir a seqüência formada pelo VP e o PP *om to timer*. O sentencial *Straks* é especificador da projeção funcional imediatamente inferior a de *Nettopp*, e não pode seguir o VP modificado por *om to timer*. Portanto, parece que $PPs_{proximatives}$ são orações relativas reduzidas da projeção funcional da qual *straks* é especificador.

Os exemplos em (109) mostram que PPs durativos são associados a $Asp_{durative}$:

- (109) a. Han besvarte spørsmål i en time NETTOPP.

he answered questions for an hour just

ele respondeu questões por uma hora apenas

- b. Han skal besvare spørsmål i en time STRAKS.

he will answer questions for an hour shortly/soon

ele vai responder questões por uma hora logo

- c. *Han skal besvare spørsmål i en time KORT/NESTEN/HELT/TIDLIG.

he will answer questions for an hour briefly/almost/totally/early

ele vai responder questões por uma hora brevemente/quase/totalmente/cedo

O advérbio *kort* é diretamente subordinado ao sentencial mais baixo que pode seguir a seqüência formada pelo verbo e o circunstancial *i en time*. Sendo assim, o PP_{dur} deve ser associado à projeção funcional que tem *kort* como especificador. Outros PPs como *under forelesningen* ('durante a leitura'), *om kvelden* ('à noite') e locativos como *i parken* ('no parque') exibem o mesmo comportamento sintático em relação ao advérbio *kort*, tal como podemos conferir em (110-112), abaixo:

- (110) a. Han forklarer det under forelesningen STRAKS.

he will.explains it during lecture-the shortly

ele vai explicar isso durante leitura-a em breve

- b. *Han forklarer det under forelesningen KORT/NESTEN/HELT/TIDLIG.

he will.explains it during lecture-the briefly/almost/totally/early

ele vai explicar isso durante leitura-a brevemente/quase/totalmente/cedo

- (111) a. Han gjør leksene sine om kvelden SNART.

he will.do homework-the-pl REFL in night-the soon

ele vai fazer lição-a REFL à noite logo

- b. *Han besvarer spørsmål om kvelden KORT/NESTEN/HELT/TIDLIG.
 he answers questions in night-the briefly/almost/totally/early
 ele responde questões à noite brevemente/quase/totalmente/cedo
- (112) a. Han skal møte henne i parken STRAKS.
 he shall meet her in park-the shortly
 ele a encontrará em parque-o em breve
- b. *Han forklarte det på kontoret sitt KORT/NESTEN/HELT/TIDLIG.
 he explained it on office-the REFL briefly/almost/totally/early
 ele explicou isso em serviço-o REFL brevemente/quase/totalmente/cedo

No entanto, Nilsen propõe que os PPs em (110-112) não devem ser orações relativas reduzidas de Asp_{durative}. Foram vistos, acima, argumentos que indicam que PPs locativos devem seguir os durativos. Os próximos exemplos mostram que o mesmo se aplica ao PP *durante a leitura*:

- (113) a. Hostet i fem minutter gjorde han under forelesningen.
 coughed for five minutes did he during lecture-the
 tossiu por cinco minutos fez ele durante leitura-a
- b. *Hostet under forelesningen gjorde han i fem minutter.
 coughed during lecture-the did he for five minutes
 tossiu durante leitura-a fez ele por cinco minutos

Nilsen propõe explicar a restrição sobre a ordenação dos PPs em (113) e o padrão em (110-112), acrescentando uma projeção funcional à hierarquia de Cinque, exatamente entre

*Asp*_{proximative} e *Asp*_{durative}. Além disso, ele sugere que esta projeção funcional adicional deve corresponder ao evento, uma vez que os núcleos funcionais mais baixos (*Asp*_{durative}, *Asp*_{progressive}, *Asp*_{completive} etc) parecem modificar a constituição interna do evento, enquanto os mais altos (*Asp*_{proximative}, *Asp*_{retrospective}, tense, mood, etc) parecem relacionar o evento a outros eventos, externamente. Apesar de admitir o caráter especulativo da proposta, Nilsen assume que existe uma E(vent) P(hrase) entre *Asp*_{durative} e *Asp*_{proximative}.

Os exemplos que seguem abaixo definem a posição estrutural dos adverbiais *NPs nus* e dos PPs *for fem minutter siden* ('cinco minutos atrás'), *siden igår* ('desde ontem') e *fra nå av* ('de agora em diante'). A alternativa (c) em (114-117) expressa o resultado da análise dos padrões:

- (114) a. Han har vært her for fem minutter siden ALLTID.
 he has been here for five minutes ago always
 ele esteve aqui por cinco minutos atrás sempre
- b. *Han har/hadde vært her for fem minutter siden NETTOPP.
 he has/had been here for five minutes ago just
 ele esteve/tinha estado aqui por cinco minutos atrás apenas
- c. O PP *for fem minutter siden* é uma oração relativa reduzida de *Asp*_{retrospective}.
- (115) a. Han spaserer til jobben hver dag FORTSATT.
 he walks to work-the every day still
 ele caminha para trabalho-o todo dia ainda
- b. *Han spaserte til jobben hver dag ALLTID/NEPPOTT.
 he walked to work-the every day always/just
 ele caminhou para trabalho-o todo dia sempre/apenas

- c. O NP *nu 'hver dag'* é uma oração relativa reduzida de $Asp_{perfect(?)}$.
- (116) a. Han kan ikke ha hatt dem siden igår LENGER.
 he can not have had them since yesterday any.longer
 ele não pode os ter tido desde ontem mais
- b. *Han kan ikke ha hatt dem siden igår FORTSATT.
 he can not have had them since yesterday still
 ele não pode os ter tido desde ontem ainda
- c. O PP *siden igår* é uma oração relativa reduzida de $Asp_{continuative}$.
- (117) a. Streiker de fra nå av ALLEREDE?
 strike they from now of already
 golpeie-os de agora de já ('golpeie-os a partir de já')
- b. *Jobber de ikke fra nå av LENGER?
 work they not from now of any.longer
 trabalhe-os não de agora mais
- c. O PP *fra nå av* é uma oração relativa reduzida de $Asp_{terminative}$.

Não é possível continuar testando a ordem dos adverbiais a partir dos exemplos sobre a posição pós-VP dos sentenciais, porque a negação sentencial, como foi visto anteriormente, constitui um limite para o tipo de movimento que dá origem à leitura focalizada dos sentenciais na posição final em norueguês. *Allerede* é o advérbio mais alto que pode aparecer focalizado seguindo o VP.

Adverbiais repetitivos como *duas vezes* parecem ocupar duas posições estruturais, tal como é exemplificado abaixo:

- (118) a. Sprang hundremeterem to ganger gjorde han på ti sekunder.
correu cem metros-os duas vezes fez ele em dez segundos
- b. Sprang hundremeterem på ti sekunder gjorde han to ganger.
correu cem metros-os em dez segundos fez ele duas vezes

A sentença em (118a) apresenta a leitura segundo a qual ele correu 200 metros em dez segundos, e (118b) quer dizer que ele correu 100 metros em dez segundos, e fez isso duas vezes. As diferentes leituras em (118) sugerem que os repetitivos têm duas posições disponíveis, uma c-comandando o completivo, e outra sendo c-comandada por ele. Nilsen propõe que esses adverbiais são ambigualmente associados com $Asp_{celerative(I)}$ e $Asp_{celerative(II)}$. De acordo com isso, a sentença em (119) tem dois adverbiais repetitivos, um associado a $Asp_{celerative(I)}$ e outro associado a $Asp_{celerative(II)}$:

- (119) Han har slått Per i sjakk tre ganger på en dag to ganger.
ele bateu Per no xadrez três vezes em um dia duas vezes

Se a proposta de Nilsen em relação aos repetitivos está correta, deve ser possível i) topicalizar o VP com o repetitivo, deixando o terminativo para trás; e ii) topicalizar o VP com um temporal, deixando o repetitivo para trás. A primeira previsão pode ser confirmada em (118a), a segunda em (120), abaixo:

- (120) Slo ham i sjakk på fredag gjorde han faktisk to ganger.
o bateu no xadrez sexta-feira fez ele realmente duas vezes

Finalmente, a correspondência entre os advérbios sentenciais, os adverbiais circunstanciais e as projeções funcionais de Cinque é esquematizada tal como segue em (121):

(121)

advérbios sentenciais	PFs de Cinque	ex. de circunstanciais
<i>igjen</i>	Asp _{repetitive(I)}	<i>to ganger</i>
<i>allerede</i>	T _{anterior}	<i>på fredag</i>
<i>lenger</i>	Asp _{terminative}	<i>fra nå av</i>
<i>fortsatt</i>	Asp _{continuative}	<i>siden igår</i>
<i>alltid</i>	Asp _{perfect(?)}	<i>hver dag</i>
<i>nettopp</i>	Asp _{retrospective}	<i>for fem minutter siden</i>
<i>straks</i>	Asp _{proximative}	<i>om fem minutter</i>
?	(EP)	<i>i parken</i>
<i>kort</i>	Asp _{durative}	<i>i en time</i>
<i>helt</i>	Asp _{SgCompletive}	<i>på en time</i>
<i>igjen</i>	Asp _{repetitive(II)}	<i>to ganger</i>

3

PPs adverbiais em PB

3.1 Introdução

Neste capítulo procuramos verificar se os dados do PB confirmam a proposta de Nilsen sobre os PPs circunstanciais.

3.2 A estrutura do VP

Os fatos apresentados nessa seção demonstram que a estrutura para o VP proposta por Larson e a estrutura plana atribuída a Oehrle são empiricamente incorretas. Dados do PB confirmam a previsão feita por Nilsen de que deve haver um nóculo dominando exclusivamente o verbo e o objeto e outro dominando exclusivamente o verbo, objeto e o locativo.

Nilsen usa dados relativos à topicalização do VP para definir as relações de constituição estabelecidas dentro do VP. Veremos, abaixo, que esses dados também podem fornecer evidências sobre as relações de constituição estabelecidas no VP em PB. Considere, a seguir, os exemplos em (1):

- (1) a. [Seguir a Maria] foi o que eu fiz no parque sexta-feira.
 b. [Seguir a Maria no parque] foi o que eu fiz sexta-feira.
 c. [Seguir a Maria no parque sexta-feira] foi o que eu não fiz.

Nilsen mostra que o tipo de seqüência topicalizada nos exemplos em (1) é movida como um todo, e não a partir de movimentos separados, já que a seqüência que precede o verbo em uma língua V2 como o norueguês deve formar um constituinte. Os dados do PB também favorecem a análise do movimento único, tal como podemos ver em (2-3), abaixo:

- (2) a. O João encontrou a casa deserta.
 b. [Encontrar a casa deserta] foi o que o João não fez.
 c. *[Encontrar a casa] foi o que o João fez deserta.
- (3) a. A casa, o João encontrou *t* deserta.
 b. Deserta, o João encontrou a casa *t*.
 c. A casa deserta, o João não encontrou *t*.
 d. *Encontrou a casa, o João *t* deserta.
 e. *Encontrou deserta, o João *t* a casa *t*.

A seqüência *a casa deserta* nas sentenças em (2-3) forma um constituinte que tem sido analisado tradicionalmente como uma *mini-orção* (SC)³⁴. Os exemplos em (3a-b) mostram que é possível topicalizar o sujeito da SC, deixando o seu predicado pra trás, bem como topicalizar o seu predicado, deixando pra trás o seu sujeito. Por outro lado, a sentença em (2c) aponta que não é possível topicalizar o verbo e o sujeito da SC deixando o

predicado *deserta* para trás. Podemos explicar o padrão acima, dizendo que só constituintes podem ser topicalizados. Assim, (2c) e (3d-e) seriam agramaticais porque não há nenhum nóculo dominando exclusivamente o verbo e o sujeito da SC e nenhum nóculo dominando exclusivamente o verbo e o predicado da SC.

Uma vez que desconsideramos a hipótese de que a topicalização do VP é derivada a partir de movimentos separados, os exemplos acima devem indicar que as seqüências entre colchetes em (1) formam um constituinte, excluindo a seqüência que ficou para trás. Isso sugere que a estrutura do VP deve se conformar às relações de constituência estabelecidas em (4), abaixo, tal como propôs Nilsen:

(4) [[[encontrar a Maria] no parque] sexta-feira]

As sentenças agramaticais em (5), abaixo, apontam que as seqüências *seguir a Maria sexta-feira*, *seguir no parque* e *seguir sexta-feira* não são constituintes:

- (5) a. ? Seguir a Maria sexta-feira foi o que eu fiz no parque.
 b. *Seguir no parque foi o que eu fiz a Maria sexta-feira.
 c. *Seguir foi o que eu fiz a Maria no parque sexta-feira.
 d. *Seguir sexta-feira foi o que eu fiz a Maria no parque.

A estrutura em (4) corretamente prevê que as seqüências topicalizadas em (5) não são constituintes. Outro dado que fornece resultados compatíveis com as relações de constituência em (4) vem de testes de substituição como esses em (6):

³⁴ Da expressão inglesa *small-clause*

- (6) a. João enterrou o corpo no parque sexta-feira, e Pedro fez isso...
- b. ...no seu jardim sábado.
- c. ...sábado.
- d. *...no seu jardim.
- e. *...sua mãe no jardim sábado.

Os exemplos em (6a-c) indicam que as seqüências [enterrou o corpo] e [enterrou o corpo no parque] são constituintes que excluem o locativo e o temporal, respectivamente. Por outro lado, a agramaticalidade de (6d) revela que não há nenhum constituinte [enterrou o corpo sábado], excluindo o PP locativo, tal que o pronominal *isso* possa o substituir.

Os exemplos vistos até o momento selecionam uma estrutura que se conforma às relações de constituição em (4). Esse fato favorece a análise dos circunstanciais como orações relativas reduzidas de eventos sobre as análises de Larson (1988,1990) e Oehrle, já que as duas últimas predizem que o verbo e o objeto não formam um constituinte, excluindo o locativo, nem o verbo, o objeto e o locativo formam um constituinte, excluindo o temporal³⁵.

Além disso, a análise VP-*shell* larsoniana prediz que os argumentos internos do verbo devem c-comandar os circunstanciais. Os exemplos que seguem em (7) revelam que esta previsão é empiricamente incorreta:

- (7) a. Os soldados_i feriram os inimigos_j uns com as armas dos outros_{i/*j}.

³⁵ Os exemplos em (1-5) também são compatíveis com a estrutura proposta por Chomsky (1981), mas Nilsen descarta essa análise porque ela não é compatível com o LCA.

- b. Os soldados feriram o inimigo uns com as armas dos outros.
- c. *?Ela feriu os inimigos uns com as armas dos outros.
- d. Os soldados_i feriram os inimigos_j com as armas deles_{i/j}.

A alternativa (7a) aponta que o sujeito, mas não o objeto, pode vincular o recíproco, o que quer dizer que o primeiro, mas não o segundo, c-comanda o circunstancial. O contraste entre (7b-c) confirma esse resultado. O DP sujeito não pode vincular o recíproco em (7c), porque não concorda em gênero e número com a anáfora *um P outro*³⁶. Nesse caso, a agramaticalidade dessa sentença deve indicar que o único candidato a antecedente do recíproco, o objeto, não é capaz de o vincular dentro do circunstancial. A distribuição complementar entre anáforas e pronomes também prevê que o objeto não deve poder vincular uma anáfora dentro do PP adverbial, já que o pronome é vinculado pelo objeto no exemplo em (7d). No entanto, o contraste entre (7a) e (7d) indica que o sujeito da sentença pode vincular tanto o recíproco como o pronominal. Miotto, F. Silva & Lopes (1999) notam que a vinculação de pronomes e anáforas dentro de PPs é bastante particular. Eles discutem os exemplos em (8-9), abaixo:

- (8) a. O João_i comprou um carro para si_i.
- b. O João_i comprou um carro para ele_i.
- (9) a. O João_i falou de si_i.
- b. O João_i falou dele_i.

³⁶ Expressões como *um P(reposição) outro* são anáforas que têm leitura recíproca.

Os autores observam que a distribuição complementar entre pronomes e anáforas parece funcionar em contextos sintáticos que possuem um sujeito (sentenças finitas, infinitivas, SCs e DPs), mas não dentro de PPs, que aparentemente não possuem argumento externo, um problema que aqui ficará em suspenso.

Vimos nos exemplos em (7) que o objeto do verbo não pode vincular um reflexivo dentro do PP instrumental. Este resultado aponta que o objeto não deve c-comandar os PPs circunstanciais. Sendo assim, podemos pensar que os circunstanciais não são gerados na parte mais baixa de uma VP-*shell* larsoniana. A análise dos circunstanciais como Orações Relativas Reduzidas de eventos, por outro lado, pode tratar os fatos vistos até aqui naturalmente.

3.3 Adjuntos relacionados ao objeto do verbo

3.3.1 C-locativos

Nilsen distingue os dois tipos de PPs em (10), baseado no fato de que PPs como *nas costas*, parecem formar um constituinte com o objeto do verbo. Esse tipo de PP, que o autor denomina de C-locativos, não pode ser abandonado pelo VP topicalizado, tal como é mostrado nos exemplos abaixo:

- (10) a. Esfaquear Cesar nas costas foi o que Brutus fez no parque.
b. *Esfaquear Cesar foi o que Brutus fez nas costas.

A agramaticalidade de (10b) indica que *esfaquear Cesar* não forma um constituinte excluindo *nas costas*. Portanto, os dados do PB confirmam a previsão de Nilsen, segundo a qual esse PP deve de fato formar um constituinte com o objeto do verbo.

3.3.2 Predicados secundários

Predicados secundários também parecem formar um constituinte com o objeto do verbo, tal como é ilustrado em (11-12), abaixo:

- (11) a. Pintar o celeiro de vermelho foi o que eu fiz.
 b. *Pintar o celeiro foi o que eu fiz de vermelho.
- (12) a. Espiar Pedro nu foi o que nós não fizemos.
 b. *Espiar Pedro foi o que nós fizemos nu.

Os exemplos em (11-12) mostram que o VP não pode ser topicalizado, deixando o predicado resultativo e o predicado descritivo para trás. Isso sugere que não deve haver um nóculo que domine o verbo e o objeto e exclua os predicados secundários mencionados acima.

3.3.3 PPs Dativos e Diretivos

Como foi visto no capítulo anterior, Nilsen assume que os dativos e os diretivos têm duas posições estruturais disponíveis, uma dentro do VP, como predicado *mini-orção* (SC)

do objeto, e outra fora dele, como adjunto adverbial. Entretanto, os dados do PB parecem mostrar que esses PPs devem ocupar apenas a posição de SC do objeto. Considere os próximos exemplos:

- (13) a. Devolver os livros pra Maria foi o que Pedro fez na biblioteca.
 b. Devolver o livro foi o que Pedro fez pra Maria.
 c. Mandar dinheiro pra Maria foi o que Pedro fez ontem.
 d. Mandar dinheiro foi o que Pedro fez pra Maria.

Os exemplos acima aparentemente indicam que é possível topicalizar o VP, deixando o PP dativo para trás. No entanto, é interessante notar que os PPs apresentam uma leitura "benefectiva" ao invés de "dativa" quando são abandonados pelo VP topicalizado. (13b,d) significam que devolver o livro/mandar dinheiro foi o que Pedro fez em benefício da Maria, e não necessariamente pra Maria. A sentença em (13b), por exemplo, pode significar que Pedro devolveu o livro pra biblioteca pra Maria. Se nós eliminamos a possibilidade de o PP ser um benefectivo, as sentenças em que o PP foi abandonado pelo VP topicalizado tornam-se agramaticais, tal como é exemplificado abaixo:

- (14) a. Devolver os livros pra estante foi o que Pedro fez na biblioteca.
 b. *Devolver os livros foi o que Pedro fez pra estante.
 c. Mandar dinheiro pro exterior foi o que Pedro fez ontem.
 d. *Mandar dinheiro foi o que Pedro fez pro exterior.

(14) mostra que o dativo não pode ser abandonado pelo VP topicalizado, o que indica que o objeto e o verbo não formam um constituinte que exclui o PP dativo.

Os exemplos abaixo mostram que os diretivos também parecem formar um constituinte com o objeto do verbo:

- (15)
- a. Chutar a bola pro gol foi o que ele fez ontem.
 - b. *Chutar a bola foi o que ele fez pro gol.
 - c. Apontar a arma pra cabeça foi o que ele fez.
 - d. *Apontar a arma foi o que ele fez pra cabeça.
 - e. Caminhar pro trabalho foi o que João fez ontem.
 - f. ?*Caminhar foi o que João fez pro trabalho.
 - g. Empurrar o armário pro lado da janela foi o que João fez ontem.
 - h. *Empurrar o armário foi o que João fez pro lado da janela.

Os exemplos em (14-15) apontam que não deve existir um nóculo que domine o objeto e o verbo e exclua o dativo e o diretivo³⁷. Sendo assim, podemos pensar que esses PPs são SC do objeto.

Nilsen assume que os diretivos e dativos também podem ocupar a posição de adjunto adverbial, baseado no fato de que em norueguês os diretivos podem tanto preceder como seguir os instrumentais. Os dados do PB, no entanto, fornecem resultados diferentes.

Considere os exemplos abaixo:

³⁷ Novamente, se substituirmos os PPs em (15) por outros capazes de receber leitura "benefectiva", as sentenças tornam-se gramaticais. A diferença é que neste caso fica mais fácil perceber que o PP está agindo como um benefectivo, tal como mostra o exemplo abaixo:

- (16) a. Empurrar a sujeira pra baixo do tapete foi o que ele fez com a vassoura.
 b. *Empurrar a sujeira com a vassoura foi o que ele fez para baixo do tapete.

O contraste entre as sentenças acima indica que os diretivos devem preceder os instrumentais. Portanto, não temos motivos pra postular uma posição de adjunto adverbial para os diretivos em PB. Além do mais, o simples fato de eles nunca poderem ser abandonados pelo verbo e o objeto em construções de topicalização do VP indica que eles não ocupam posições adjuntas.

3.4 A ordenação relativa dos circunstanciais

Nilsen defende que os PPs adverbiais respeitam uma ordenação subjacente. Para definir essa ordem, ele usa testes que envolvem *frame-fronting* e topicalização do VP. Nesta seção, vamos testar a ordem dos PPs estabelecida por Nilsen, usando construções que envolvem topicalização do VP.

O contraste entre (1b) e (5a), repetidas abaixo, indica que os locativos comuns devem preceder os temporais:

- (17) a. Seguir a Maria no parque foi o que eu fiz sexta-feira.
 b. ?Seguir a Maria sexta-feira foi o que eu fiz no parque.

(i) Empurrar o armário foi o que o João fez pra Maria.

Segundo Nilsen, o locativo pode seguir o temporal se ele estiver sendo focalizado. Veremos, a seguir, que a posição relativa dos PPs adverbiais pode realmente se inverter de acordo com a relação foco/tópico que os constituintes da sentença mantém. Aplicando o teste de pergunta-resposta (Zubizarreta, 1998), podemos identificar o constituinte focalizado da sentença. Esse teste prevê que os elementos focalizados devem se situar na posição mais à direita em construções como as em (18-19), abaixo.

- (18) a. Quando você seguiu o João no parque?
 b. Eu segui o João no parque SEXTA-FEIRA.
 c. *Eu segui o João SEXTA-FEIRA no parque.
- (19) a. Onde você seguiu o João sexta-feira?
 b. Eu segui o João sexta-feira NO PARQUE.
 c. *Eu segui o João NO PARQUE sexta-feira.

O elemento focalizado nas sentenças acima deve ser aquele que corresponde ao operador-wh. Isso explica o contraste entre as sentenças acima. O constituinte correspondente ao operador-wh em (18) é o PP temporal. Sendo assim, (18b), mas não (18c), é uma resposta correta para (18a). No entanto, a ordem estabelecida entre os PPs em (18c) é permitida quando o foco recai sobre o PP locativo, como acontece em (19b).

Segundo Nilsen, adverbiais pronominais são necessariamente tópicos. Como PPs locativos e temporais possuem formas pronominais, podemos testar a ordem relativa deles usando os exemplos em (20), abaixo:

- (20) a. Eu vou visitar o João lá depois.

- b. ?Eu vou visitar o João depois lá.
- c. Eu fui lá ontem.
- d. ?Eu fui ontem lá.

Os exemplos em (20) mostram que, quando eliminamos a possibilidade de o PP locativo e o PP temporal serem foco, o primeiro deve preceder o segundo.

Os próximos exemplos servem para definir a ordem entre C-locativos e locativos comuns:

- (21) a. Brutus esfaqueou Cesar nas costas no parque.
- b. *Brutus esfaqueou Cesar no parque nas costas.
- (22) a. Esfaquear Cesar nas costas foi o que Brutus fez no parque.
- b. *Esfaquear Cesar no parque foi o que Brutus fez nas costas.

As sentenças em (21-22) mostram que os C-locativos devem preceder os locativos comuns. Neste caso, chegamos a ordem <C-locativo, locativo,temporal>.

As sentenças em (23) apontam que os C-locativos precedem os PPs instrumentais, enquanto as em (24) estabelecem que os instrumentais precedem os PPs locativos. Acompanhe os exemplos abaixo:

- (23) a. Ela baleou Pedro nas costas com uma espingarda
- b. *Ela baleou Pedro com uma espingarda nas costas.
- c. [Baleou Pedro nas costas] foi o que ela fez com uma espingarda.
- d. *[Baleou Pedro com uma espingarda] foi o que ela fez nas costas.

- (24) a. [Ferir Pedro com uma espingarda] foi o que ela fez na cabana.
 b. ?[Ferir Pedro na cabana] foi o que ela fez com uma espingarda.

O resultado do padrão acima aponta para a ordem <C-locativo, instrumental, locativo, temporal>. O PP *na cabana* até pode seguir o PP *com uma espingarda*, mas, neste caso, a interpretação de *na cabana* não deve ser a mesma que tem em (24a). Considere o contraste entre as sentenças abaixo:

- (25) a. Maria baleou Pedro com uma espingarda na cabana.
 b. Maria baleou Pedro na cabana com uma espingarda.

A sentença em (25a) significa que Maria feriu Pedro com uma espingarda e fez isso na cabana. A sentença em (25b), por outro lado, não requer que Maria esteja na cabana. (25b) pode significar que Maria acertou Pedro na cabana com uma espingarda e fez isso do lado de fora (através da janela). A segunda interpretação aponta que *na cabana* é uma espécie de C-locativo, com a diferença de que, neste caso, o objeto e o PP não mantêm uma relação do tipo "parte-todo". Os exemplos abaixo apontam outros PPs que apresentam o mesmo comportamento:

- (26) a. João plantou a flor dentro do vaso com terra adubada.
 b. João examinou o paciente na maca com o estetoscópio.
 c. João encontrou a ave em cima do poste com um binóculo.

Esses PPs também parecem formar um constituinte com o objeto do verbo, uma vez que não podem ser abandonados pelo VP topicalizado. Considere os exemplos em (27), abaixo:

- (27) a. *Plantar a flor foi o que o João fez dentro do vaso.
 b. *Examinar o paciente foi o que o João fez na maca.
 c. *Encontrar a ave foi o que o João fez em cima do poste.

A menos que interpretemos que João estava dentro do vaso/ na maca/ em cima do poste, as sentenças acima são agramaticais.

Os exemplos, a seguir, definem a ordem relativa dos PPs terminativos, durativos, locativos e instrumentais. A alternativa abaixo de cada conjunto de exemplos resume a análise dos padrões em (28-32), abaixo:

- (28) a. Pedro virou copos de cerveja em cinco segundos por uma hora.
 b. *Pedro virou copos de cerveja por uma hora em cinco segundos.
 c. <terminativo, durativo>
- (29) a. Ele derrotou Pedro em cinco minutos em Oslo.
 b. Ele derrotou Pedro em Oslo EM CINCO MINUTOS/? em cinco minutos.
 c. Derrotar Pedro em cinco minutos foi o que ele fez em Oslo.
 d. ??Derrotar Pedro em Oslo foi o que ele fez em cinco minutos.
 e. <terminativo, locativo>
- (30) a. Ele jogou xadrez por três horas em Oslo.
 b. Ele jogou xadrez em Oslo POR TRÊS HORAS/ ?por três horas.
 c. Jogar xadrez por três horas foi o que ele fez em Oslo.

- d. ??Jogar xadrez em Oslo foi o que ele fez por três horas.
- e. <durativo, locativo>
- (31) a. Bater no burro com uma vara foi o que ele fez por uma hora.
- b. ??Bater no burro por uma hora foi o que ele fez com uma vara.
- c. <instrumental, durativo>
- (32) a. Cavar um buraco com uma pá foi o que ele fez em dois segundos.
- b. ?Cavar um buraco em dois segundos foi o que ele fez com uma pá.
- c. <instrumental, terminativo>

As sentenças em (28-32) levam à ordem <instrumental, terminativo, durativo, locativo>, e o conjunto dos exemplos apurados até o momento aponta para a ordenação <C-locativo, instrumental, terminativo, durativo, locativo, temporal>.

As sentenças abaixo estabelecem a ordem relativa dos NPs nus em relação aos PPs locativos e temporais:

- (33) a. Seguir Pedro no parque é o que eu faço todo dia.
- b. ??Seguir Pedro todo dia é o que eu faço no parque.
- (34) a. Caminhar para o trabalho todo dia foi o que ele fez no último ano.
- b. *Caminhar para o trabalho no último ano foi o que ele fez todo dia.

Os resultados obtidos em (33-34) indicam que os NPs nus habituais devem seguir os PPs locativos e preceder os PPs temporais. Isso aponta que os PPs adverbiais respeitam a ordem <C-locativo, instrumental, terminativo, durativo, locativo, habituais, temporais>.

3.5 A Distribuição dos PPs relacionados ao objeto do verbo

Como os adjuntos relacionados ao objeto competem pela mesma posição, é natural esperar que eles não possam co-ocorrer. As sentenças abaixo indicam, contudo, que os predicados secundários descritivos podem preceder dativos e diretivos, e os predicados secundários resultativos podem preceder os C-locativos. Considere os exemplos em (35-37):

- (35) a. João manchou a camisa de batom.
 b. João manchou a camisa no colarinho.
 c. João manchou a camisa de batom no colarinho/??no colarinho de batom.
- (36) a. Eu devolvi o jornal rasgado.
 b. Eu devolvi o jornal pro João.
 c. Eu devolvi o jornal rasgado pro João/??pro João rasgado.
- (37) a. João empurrou o carro sem gasolina.
 b. João empurrou o carro pro acostamento.
 c. João empurrou o carro sem gasolina pro acostamento/??pro acostamento sem gasolina.

Se os resultativos de fato podem ocorrer com os C-locativos na ordem indicada em (35), isso quer dizer que eles não competem pela mesma posição. Os exemplos em (36) e (37) apontam que os predicados secundários descritivos podem ocorrer com os dativos e diretivos, precedendo-os. Isso sugere que os dativos, diretivos e C-locativos devem possuir

uma posição seguindo os predicados secundários descritivos e resultativos. Esses exemplos parecem sustentar a análise de Nilsen, segundo a qual diretivos e dativos possuem uma posição de adjuntos adverbiais. No entanto, se essa posição existe, por que o VP não poderia nunca ser topicalizado, deixando o dativo, o diretivo e o C-locativo pra trás em PB? (35) contradiz as predições de Nilsen, já que o C-locativo segue o resultativo. Esses, no entanto, são problemas que ficarão aqui em suspenso.

Os dados apurados até o momento indicam a seguinte ordenação relativa dos circunstanciais em PB:

- (38) resultativo/descritivo>diretivo/dativo/C-locativo>instrumental>terminativos>
durativos> locativos> habituais> temporais>.

3.6 Os Temporais

Como foi visto no capítulo anterior, Nilsen mostra que é possível ter dois adverbiais temporais em uma mesma sentença, um como predicado do evento e outro como predicado de R_1 ou R_2 . Os exemplos abaixo confirmam essa predição. (39a) mostra que é possível ter dois adverbiais temporais em uma mesma sentença, enquanto (39b) aponta que não deve ser possível subverter a ordem relativa desses temporais:

- (39) a. Eles comeram todos os ovos de chocolate no começo de abril na última páscoa.
b. ?Eles comeram todos os ovos de chocolate na última páscoa no começo de

abril.

A Proposta de Nilsen para os circunstanciais parece estar correta em dois pontos. Primeiramente ela prediz que deve ser possível ter mais de um temporal em uma mesma sentença. Em segundo lugar, sua análise prevê que o mesmo não é possível com outros PPs. Considere os exemplos abaixo:

- (40) a. Brutus esfaqueou Cesar no início do verão no ano passado.
- b. *Brutus feriu Cesar com a faca com a ponta/com a ponta com a faca.
- c. *Brutus esfaqueou Cesar por cinco minutos por todo o tempo que esteve lá/
por todo o tempo que esteve lá/por cinco minutos.
- d. *Brutus esfaqueou Cesar em cinco minutos em pouco tempo/em pouco
tempo em cinco minutos.
- e. *Brutus caminhou pra porta pra rua/pru rua pra porta.
- f. *Brutus mandou uma carta pro amigo pra Cesar/pru Cesar pro amigo.
- h. *Brutus recebeu a toga molhada rasgada/rasgada molhada.

Se os adverbiais de circunstância fossem livremente adjungidos não esperaríamos que fosse impossível empregar dois PPs instrumentais, ou dois PPs terminativos, ou dois PPs durativos, etc. em uma mesma sentença. Os locativos, no entanto, parecem se comportar de um modo diferente, tal como sugerem os exemplos abaixo:

- (41) Brutus seguiu Cesar no Coliseu em Roma/?em Roma no Coliseu.

3.7 Repetitivos

Os repetitivos como *duas vezes* podem ocupar duas posições estruturais, tal como é ilustrado em (42):

- (42) a. Correr cem metros duas vezes foi o que ele fez em dez segundos.
b. Correr cem metros em dez segundos foi o que ele fez duas vezes.

A sentença em (42a) apresenta a leitura segundo a qual ele correu 200 metros em dez segundos, e (42b) quer dizer que ele correu 100 metros em dez segundos, e fez isso duas vezes. As diferentes leituras em (42) sugerem que os repetitivos têm duas posições disponíveis, uma c-comandando o completivo, e outra sendo c-comandada por ele, tal como sugere Nilsen.

Não será possível continuar testando os exemplos usados por Nilsen aqui. Os dados que ele usa para definir a correspondência entre PPs circunstanciais e projeções funcionais não apresentam resultados claros e confiáveis em PB. No entanto, os exemplos vistos neste capítulo indicam que, de fato, os circunstanciais não são ordenados de modo tão livre como se supunha tradicionalmente. Os resultados obtidos em PB parecem corresponder de um modo bastante direto aos resultados propostos por Nilsen (2000).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho procurou analisar os PPs circunstanciais no português brasileiro, com base na teoria gerativa. No primeiro capítulo, analisamos o comportamento semântico e sintático dos circunstanciais sob a perspectiva de Cinque (1999) e Davidson (1967). Os trabalhos desses dois autores estabelecem diferenças no comportamento dos PPs circunstanciais em relação aos demais advérbios. Cinque aponta uma diferença estrutural dizendo que os advérbios sentenciais são especificadores de projeções funcionais enquanto os PPs circunstanciais ocupam uma posição interna ao VP. Ele nota que a ordem dos AdvPs é uma consequência da rígida ordem dos núcleos funcionais (via concordância spec/núcleo). Neste caso, a ordenação livre dos circunstanciais deve indicar que eles não ocupam a posição de especificadores das projeções funcionais. No campo semântico, apontamos uma diferença no comportamento lógico dos circunstanciais e sentenciais, já que os primeiros, mas não os segundos, favorecem uma relação de acarretamento do predicado que modificam. Se *João passou manteiga na torrada no banheiro*, João passou manteiga na torrada. Contudo, a partir da informação de que *provavelmente João passou manteiga na torrada*, não podemos concluir que João passou manteiga na torrada. Esse fato sugere que a diferença no comportamento lógico dos PPs de circunstância e advérbios sentenciais se deve ao fato de que os primeiros são modificadores de um evento enquanto os segundos se comportam como operadores.

No segundo capítulo apresentamos a análise de Nilsen (2000), que explica o comportamento dos circunstanciais conciliando as duas análises mencionadas acima à

teoria sobre a anti-simetria da estrutura frasal proposta por Kayne (1994). O autor adota a proposta de Cinque, assumindo que a ordem dos advérbios é intimamente relacionada à ordem (dos núcleos) das projeções funcionais. No entanto, procura demonstrar que essa análise também pode ser estendida ao domínio dos circunstanciais. Combinando a semântica de eventos de Davidson (1967) e a análise de Kayne sobre os adjuntos predicativos no domínio nominal, ele propõe que circunstanciais são orações relativas reduzidas de eventos. Finalmente, Nilsen concilia essa análise com a hierarquia das projeções funcionais de Cinque, sugerindo que as orações relativas reduzidas de evento pegam diferentes pedaços da hierarquia de Cinque como argumento.

No terceiro capítulo, procuramos verificar se os dados do PB confirmam a proposta de Nilsen sobre os circunstanciais. A análise dos dados aponta que os PPs advérbios realmente não são tão livremente ordenados como se supunha tradicionalmente. A ordenação dos circunstanciais em PB parece corresponder àquela que Nilsen verificou em norueguês. A análise *VP-shell* de Larson (1988), a estrutura plana atribuída a Oehrle, a estrutura proposta por Chomsky (1981) e análise de Barbiers (1995) não podem derivar a ordenação verificada entre os circunstanciais. Vimos que a análise de Nilsen (2000) pode explicar esses fatos. Resumindo, podemos definir os circunstanciais comparando-os aos advérbios sentenciais. Semanticamente, os primeiros seriam predicados de eventos e os segundos operadores. A correspondência estrutural dessa diferença é obtida dizendo-se que advérbios sentenciais são especificadores de projeções funcionais, enquanto os PPs circunstanciais são orações relativas reduzidas de eventos, cujo núcleo mais alto é o núcleo de uma projeção funcional. Vale lembrar ainda que os advérbios sentenciais correspondem diretamente à ordem das projeções funcionais enquanto os circunstanciais refletem essa ordem de forma invertida, como se fosse a imagem de um espelho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKER, Mark (1988) *Incorporation: A Theory of Grammatical Function Changing*. Chicago: University of Chicago Press.

BARBIERS, Sjef (1995) *The Syntax of Interpretation*. Phd. Diss. University of Leiden.

BARSS, A. and H. Lasnik (1986) "A Note on Anaphora and Double Objects" *Linguist Inquiry*, 1, 347-54.

BEGSLAND, Knut & Moses Dirks (1981) *Atkan Aleut School Grammar*, Anchorage: National Bilingual Materials Development Center, University of Alaska.

BIANCHI, Valentina (1995) *Consequences of Antisymmetry for the Syntax of Headed Relative Clauses*. Phd. diss. Scuola Normale Superiore, Pisa.

CHOMSKY, Noam (1981) *Lectures on Government and Binding*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.

CHOMSKY, Noam (1995) *The Minimalist Program*. Cambridge (Mass.), MIT Press.

CINQUE, Guglielmo. (1999) *Adverbs and Functional Heads. A Cross-Linguistic Perspective*. New York/Oxford: Oxford University Press.

CINQUE, Guglielmo (1995) "Adverbs and the Universal Hierarchy of Functional Projections". GLOW Newsletter 34: 14-15.

CRESSWELL, Max J. (1986) *Adverbial Modification: Interval Semantics and Its Rivals*. Dordrecht: Reidel.

DAVIDSON, Donald (1967) "The Logical Form of Action Sentences". in Nicholas Rescher (ed.) *The Logical of Decision and Action*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press.

GIORGI, Alessandra & Fabio Pianesi (forthcoming) *Tense and Aspect: from Semantics to Morphosyntax* to appear at Oxford University Press.

HIGGINBOTHAM, James (1985) "On Semantics" in *Linguistic Inquiry*, 16:4, 547-593.

KAYNE, Richard (1994) *The Antisymmetry of Syntax*. Cambridge, Mass.: MIT Press.

KRATZER, Angelika (1989) "Stage-Level and Individual-Level Predicates". ms. University of Massachusetts, Amherst.

LARSON, Richard e SEGAL, Gabriel (1995) *Knowledge of Meaning. An Introduction to Semantic Theory*. MIT: MIT Press.

LARSON, Richard (1990) "Double Objects Revisited: Reply to Jackendoff". *Linguistic Inquiry*, 21.4, 589-632.

LARSON, Richard (1988) "On the Double-Objects Constructions". *Linguistic Inquiry*, 19, 335-391.

NILSEN, Øystein (2000). *The Syntax of Circumstantial Adverbials*. vol: Tromsø - studies i språkvitenskap; b. 21, Published. Oslo: Novus Press.

MIOTO, Carlos; Figueiredo Silva, Maria Cristina. & Vasconcelos Lopes, Ruth (1999) *Manul de Sintaxe*. Florianópolis: Insular.

OLIVEIRA, R. P (2001) *Semântica Formal. Uma Breve Introdução*. Campinas: Mercado de Letras.

PARSONS, Terence (1990) *Events in the Semantics of English - A Study in Subatomic Semantics*. Cambridge, Mass.: MIT Press.

STROIK, Thomas (1996) *Minimalism, Scope, and VP-Structure*. London: Sage Publications.

TENNY, Carol (1994) *Aspectual Roles and the Syntax-Semantics Interface*. Dordrecht: Kluwer Academic.

VERKUYL, Henk (1993) *a Theory of Aspectuality: The Interaction between Temporal and Atemporal Structure*, Cambridge: Cambridge University Press.

VIKNER, Sten (1985) "Reichenbach Revisited - One, Two, or Three Temporal Relations?" *Acta Linguistica Hafniensia*, 19.2, 81-98.

WEIR, E. M. Helen (1990) "Incorporation in Nadëb". in Doris L. Payne (ed.) *Amazonian Linguistics - Studies in Lowland South American Languages*. Austin: University of the Texas Press.